

905



FĀTĪMA • 50

Ano II - N° 17 13/Setembro/1968





PAULO VI e FÁTIMA



A verdade não se prega só com palavras. Também as acções, os gestos e determinadas circunstâncias servem para anunciar a verdade, quantas vezes com maior poder de convencimento.

Assim tem sido, nos últimos tempos, a pregação pontifícia. Paulo VI, sobretudo, tem acrescentado às palavras directas dos seus ensinamentos através de encíclicas ou discursos, o não menos directo argumento das suas atitudes. Bombaim, Turquia, Palestina, Nova Iorque ou Bogotá são, entre outras menos espectaculares, as que mais poderosamente têm atraído as atenções mundiais para o seu pensamento.

Quando pelo mundo católico sopram os ventos subtis da dúvida para varrer da piedade cristã algumas das verdades fundamentais da nossa religião, o Papa vai, onde quer que seja para afirmar, com a sua presença solene, a verdade em causa. Assim foi em Bombaim, assim foi em Bogotá para reafirmar a presença real de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

DEPÓSITO LEGAL
- 0. SET. 1968

Para com Nossa Senhora tem procedido de igual forma. E quando, ao sabor de um exagerado rigorismo litúrgico se pretende acabar com as formas tradicionais de piedade cristã, aliás formas eminentemente bíblicas como é o terço por via das orações de que se compõe, e, mais do que isso, se pretende minimizar a figura excelsa da Virgem Maria Mãe de Deus, o Papa escreve um documento que não deixa qualquer dúvida sobre a sua intenção e, depois de ter oferecido a Rosa de Ouro em ocasião extremamente singular ao Santuário de Fátima, vem em romagem de piedade e fé à Cova da Iria, na altura em que se «comemoravam os cinquenta anos das suas aparições» e o «vigésimo quinto aniversário da consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria feita pelo nosso predecessor Pio XII».

De tudo isso escrevemos já o suficiente. E se repeti-lo é, por vezes, conveniente, recordá-lo hoje, impõe-se pela realidade dos factos. Foi o próprio Papa que quis lembrá-lo de modo muito especial a propósito da sua viagem a Bogotá. Foi o Santo Padre quem pediu, com antecedência, que a rota fosse ajustada ao «meridiano de Fátima». Ele queria sobrevoar a Cova da Iria. E assim foi. E o Papa enviou uma mensagem ao Chefe da Nação e, por ele, a todo o povo, recordando a sua visita a este lugar abençoado: «rumo ao Congresso Internacional Eucarístico de Bogotá, ao sobrevoar Portugal, e precisamente as terras abençoadas de Fátima recordamos com grata complacência a nossa peregrinação recente e imploramos de Deus a Sua assistência e a abundância dos favores celestes, para uma constante afirmação da vida cristã, em crescente prosperidade, progresso e paz, nesta dilecta nação à qual, de todo o coração abençoamos».

Certamente, estes gestos não são argumentos absolutos. Mas dizem muito para quem quiser entender. E é igualmente certo que só não entende quem não quer. A devoção de Paulo VI por Fátima está bem provada. E o Papa tem sérios motivos para assim proceder. E nós também.

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano II-Nº17/13 Setembro/1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director:
Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:
Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:
SANTUÁRIO DE FÁTIMA . Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00

Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00

Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00

Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO:

ACTUALIDADES

Notícias de Fátima 4
Peregrinações 7

DOCUMENTOS

Discurso na inauguração da estátua de S. Francisco de Sales 5

COLABORAÇÕES

Nossa Senhora de Fátima figura dianteira 11
O Rosário pela Bíblia 16
O valor sobrenatural do sofrimento 19
Para a história urbanística da Cova da Iria 25

TESTEMUNHOS

Paulo VI e Fátima 3
Praga e Fátima 22

RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary 23

ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores, de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

O. F.

NOTÍCIAS DE FÁTIMA



São Francisco de Sales, Patrono dos jornalistas, na arcada da Basílica

Encontra-se desde o dia 12 de Agosto na Colunata da Basílica de Fátima a estátua de São Francisco de Sales, Padroeiro dos jornalistas, escritores e homens de letras, estátua que foi oferecida pelos 190 mosteiros de Nossa Senhora da Visitação, Congregação Religiosa que este Santo fundou. É a 13.ª estátua de santos de devoção mariana a figurar na Colunata da Basílica.

O acto da bênção da estátua foi simples e devoto. Muitas dezenas de milhares de fiéis presenciaram o acto que foi presidido pelo Senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria e teve a

presença do senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar, cônego dr. José Galamba de Oliveira, director da «Voz do Domingo», de Leiria e antigo presidente do Grémio da Imprensa Não Diária, do Reitor do Santuário, Cabido da Sé de Leiria, os Párocos da diocese, representantes das Ordens e Congregações e Seminários de Fátima.

Representavam a Ordem de Visitação o padre Boudier, da Congregação dos Oblatos de São Francisco de Sales que veio expressamente de Madrid, e diversas religiosas dos Mosteiros da Batalha, Braga e São Miguel das Aves.

Pelas 20 horas do dia 12, depois da entrada solene dos peregrinos da diocese de Leiria, os dois prelados e sacerdotes dirigiram-se para junto da estátua de S. Francisco de Sales já colocada na Colunata, do lado norte. O senhor cônego Galamba de Oliveira pronunciou um discurso, cujo texto damos.



DISCURSO
DO
SR. CÓNEGO
DR. JOSÉ
GALAMBA DE OLIVEIRA

O significado e a importância desta cerimónia excedem em muito a sua duração.

Realiza-se em poucos minutos mas, em meu entender, tem o alcance de uma lição perpétua.

Não se trata apenas de encimar as pedras desta arcada com a estátua de mais um homem notável, com a imagem de um santo. Já seria importante e esta galeria de homens extraordinários só com isso se enriquece. Pena é, porém, se os olhos e a alma dos peregrinos não passam além da obra de arte para os contemplar e imitar no rasto de luz deixado após si para nosso exemplo, estímulo e edificação.

Mas a mim neste momento, embora veja a Francisco de Sales na boa companhia de outras almas igualmente apaixonadas do mesmo ideal, compete-me dar-vos a razão deste acto e o segredo da sua projecção no futuro. Não recordamos hoje aqui nem o nome de sua ilustre família, nem a renúncia à carreira das armas e à posse de honrarias e de bens materiais, a prática da virtude em grau heróico, o treino perseverante das almas em demanda da perfeição, nem a atitude de precursor na fundação da Ordem da Visitação de Santa Maria cujas filhas, as Visitandinas, quiseram deixar aqui esta memória e monumento de gratidão e de amor na passagem do IV Centenário do seu nascimento.

A estátua de São Francisco de Sales fica neste santuário como prece e viva exortação de doação total ao serviço fiel, destemido e heróico da Verdade.

Seja qual for a faceta por que se contemple, Francisco de Sales aparece-nos sempre como um doce mas firme e impertérrito soldado da mais nobre causa capaz de razoavelmente apaixonar um trabalhador intelectual, da única causa digna de por nós ser servida.

Nesta hora de enevoada confusão entre a Verdade e o erro, neste vergonhoso pactuar em dar cobardemente a um e a outra os mesmos direitos de cidade, na presença de tão conflagradora demissão colectiva em face da arremetida de ousadas minorias, faz bem contemplar a figura de um homem a pregar-nos com o exemplo e a lição da sua vida o caminho da mais nobre missão da nossa inteligência e do mais alto emprego de todas as nossas energias: servir a verdade.

Neste aspecto da sua vida se nimba, realmente, de luz singular a figura de Francisco de Sales. Por isso no-lo deu o Papa como patrono aos ministros da palavra escrita: os jornalistas e homens de letras.

A inteligência normal anda à procura da verdade e só descansa quando

entra finalmente na sua posse. Dai a inquietação e o desassossego de tantos dos nossos contemporâneos privados desta riqueza fundamental. Dai a importância enorme de formar bem os educadores da consciência e da inteligência das novas gerações e os mentores da opinião pública.

Honesto, digno, leal, elegante, Francisco de Sales era sempre igual a si mesmo. Teve de vencer um génio irascível recebido da natureza. E venceu-o. Teve de enfrentar a penúria, o desconforto moral, a fome, a sede, as intempéries, a incompreensão da família, o isolamento dos amigos, a solidão, a falta de ajuda, a tentação do desânimo: nada o prostou; tudo soube vencer.

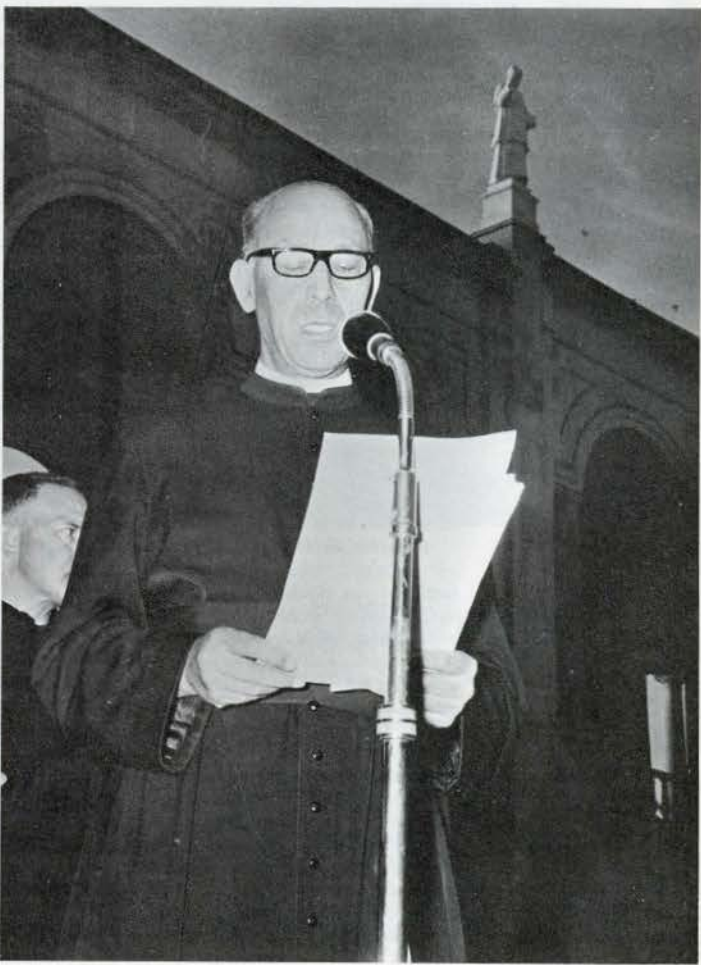
Francisco de Sales foi na realidade um precursor. Sem de forma alguma pôr de parte a pregação, a transmissão oral da palavra da vida S. Francisco no fim do século XVI resolveu levar aos ausentes a palavra escrita. Imprimia e mandava levar a casa de católicos e de calvinistas a sua pregação, para nin-

guém dela ficar privado. Assim se servia ele da imprensa, assim a punha ao serviço de Deus e da Verdade. Oh! se os homens de hoje consagrados aos mesmos ideais compreendessem tão bem a importância da imprensa e dos outros meios de difusão e de comunicação social ...

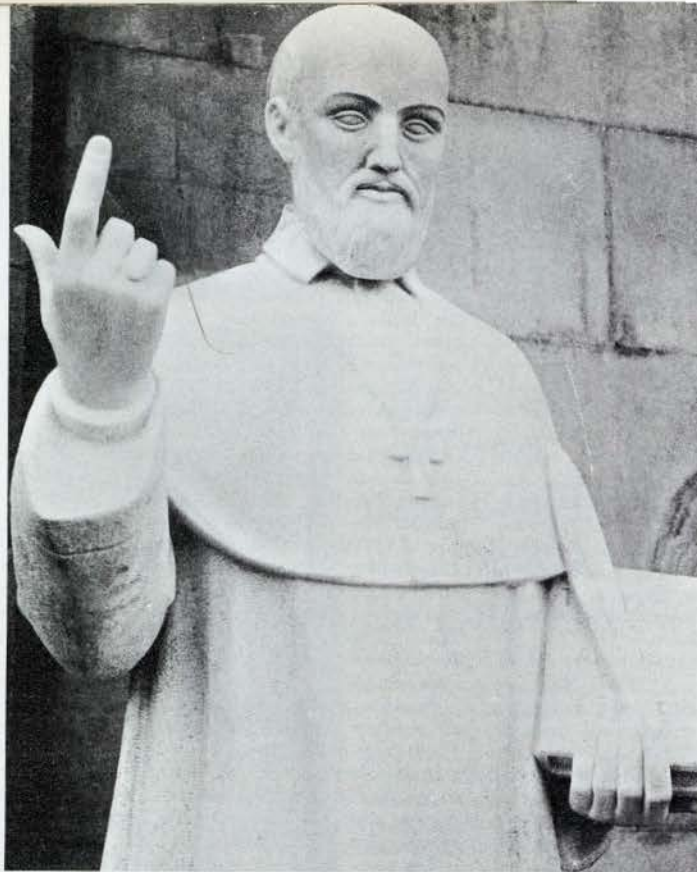
Se os trabalhadores da imprensa, os escritores e em geral, os colaboradores da Rádio, da TV e do Cinema sentissem ao vivo a grandeza e a grave responsabilidade da sua missão e tivessem sempre como fito não o interesse material e terreno ou o adular de paixões ignóbeis, mas este abnegado serviço da Verdade ainda à custa dos maiores sacrifícios ...

Esteve em perigo a vida de S. Francisco de Sales. Mais de uma vez o procuraram matar. Sabia-o. Avisavam-no. Mas não recuava. É glória invejável morrer ao serviço da verdade.

Neste último período da vida, S. Francisco de Sales convidava-me a continuar até ao fim a progredir no conhecimento e na posse da Verdade do



Pormenor da estátua de S. Francisco de Sales



Bem e do Belo, consagrando a vida inteira a esta nobilíssima missão que é, no fim de contas, de todos nós escritores e jornalistas ou não: formar um alto ideal, forjar uma mensagem concreta e ir ao encontro de tanta alma faminta de Amor e de Verdade e fazer da voz enrouquecida ou do papel enegrecido pela tinta, um farol de luz redentora, como outros apaixonados da boa imprensa aqui representados, um S. João de Deus, um Santo António Maria Claret e Clará e outros.

Mensagem e mensageiros não podem ter a nota de autenticidade se lhes falta a identificação com a Mensagem aqui trazida pela Mãe de Deus, como eco de outra saída do Coração amantíssimo de Jesus — Caminho, Verdade e Vida, cujo serviço e amor apaixonado é o segredo da vida luminosa de Francisco de Sales e de seus pares.

Ai de nós, ai do mundo se se calam em definitivo estas vozes como de sentinelas em defesa da humanidade.

Compete-nos a nós seguir na pegada destes nossos gloriosos antepassados intelectuais e criar para os os novos um clima favorável à conquista e posse da Verdade. Inflexíveis diante do erro; pacientes com os transviados encadeados com o falso brilho do erro e da mentira.

A escola de S. Francisco de Sales não está aberta apenas para católicos e devotos de santos. Francisco de Sales antes de mais é homem. E segundo penso, ao querermos fazer-nos cristãos sinceros, dotados de santidade heróica, pela indefectível fidelidade aos compromissos do santo baptismo, é preciso não

esquecer a base essencial, indispensável, de óptimas qualidades humanas: um mau homem não pode dar um santo, nem um bom cristão, nem um cidadão honesto.

A lição de Francisco de Sales tem muito maior amplitude. Ele não desceu inerte à arena onde se travavam tão duros combates no campo das ideias. Paris, Pádua, Bolonha, os grandes centros universitários do seu tempo tiveram-no como aluno dos mais acreditados, dos mais seguros mestres.

Francisco de Sales não era um estudante profissional: era um incansável investigador da Verdade.

Fadava-o a Providência para ser no seu tempo o portador de uma mensagem válida. Antes de se pôr a caminho, preparou a mensagem, estudou, investigou, rezou, foi-se à procura da verdade incorporou-a no seu ser, viveu-a.

Só assim vale a pena falar ou escrever. Só assim vale a pena trabalhar e viver.

O senhor Bispo de Leiria agradeceu, em nome do Santuário, o generosa oferta dos membros da Congregação de S. Francisco de Sales depois do que lançou a bênção litúrgica à estátua do Santo.

A escultura é da autoria de Maria Amélia Carvalheira da Silva, feita em mármore branco de Estremoz e foi executada nas Oficinas de José Raimundo, de Pero Pinheiro.

Faltam apenas três pedestais para que a Colunata da Basílica de Fátima fique cheia de estátuas.

PEREGRINOS GREGOS

No dia 31 de Julho chegaram à Cova da Iria 45 peregrinos da Grécia, sendo metade de religião ortodoxa e na sua maioria da cidade e região de Atenas. Acompanharam os peregrinos dois sacerdotes jesuítas, padres Paul Buhaijar e Dalesius, do convento da rua Michel Boda, de Atenas.

Os sacerdotes rezaram missa na Capela das Aparições com a assistência dos peregrinos gregos.

Na capela de rito bizantino do Exército Azul houve uma cerimónia celebrada pelo padre Valentim van Gool, com a assistência do senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria.

No regresso os peregrinos levaram uma imagem de Fátima para o convento das Religiosas Adoradoras da cidade de Atenas.

DE SAIGÃO

Dirigidos pelo padre Joaquim Hoa-Yuan-Loc, capelão do mosteiro de Religiosas de S. João, de Saigão, estiveram na Cova da Iria, 17 peregrinos desta cidade, que vieram pedir à Santíssima Virgem de Fátima a paz para a sua martirizada terra.

PEREGRINAÇÃO CORDIMARIANA

Com a presença de alguns milhares de fiéis efectuou-se a peregrinação organizada pelos missionários Filhos do Coração de Maria que reuniu pessoas de Lisboa, Porto, Carvalhos, Setúbal, Cacém e outras localidades. Foi no dia 4 de Agosto.

Houve procissão de velas com a imagem de Nossa Senhora, Hora Santa e concelebração presidida pelo Superior dos Missionários do Coração de Maria.

600 CADETES DA ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA

Constituiu belo espectáculo a peregrinação que 600 cadetes da Escola Prática de Infanteria, de Mafra, fizeram nos dias 25 e 26

de Julho. Houve procissão de velas e hora santa e missa celebrada pelo capelão da Escola, padre Domingos da Silva Pereira. As cerimónias foram dirigidas pelo padre Pedro Gamboa, capelão da Academia Militar. Aos actos assistiu o Comandante da Escola, coronel Manuel Rebelo de Faria e outros oficiais.

DUAS MIRACULADAS?

Joaquina dos Reis Paulina, viúva, e Maria do Carmo André, casada, residentes em Castelo Branco, estavam internadas no hospital da Misericórdia desta cidade, paráliticas devido a trombose. Depois de vários tratamentos não sentiam melhoras e sendo devotas de Nossa Senhora de Fátima, pediram autorização ao director clínico do hospital para virem à Cova da Iria rezar a Nossa Senhora pela sua cura.

Vieram numa ambulância do hospital tendo-se dirigido nas suas macas para a Basílica onde se celebrava a missa da peregrinação dos cadetes da Escola Prática de Infantaria de Mafra.

Na altura da comunhão, a Joaquina dos Reis Paulino levantou-se da maca e começou a andar, movendo, com facilidade, o braço e perna direita. Quando, depois da missa o andor com a veneranda imagem vinha aos ombros dos militares, e se aproximava da maca da Maria do Carmo André, esta suplicando fervorosamente a sua cura, levantou-se e principiou a andar atrás do andor. As duas vieram na procissão para a Capela das Aparições ante o espanto de muitas pessoas que presenciaram o facto.



PEREGRINAÇÃO DE DESAGRAVO

**DA DIOCESE
DE LEIRIA**

**12 - 13
AGOSTO
1968**

Desde há muitos anos que a peregrinação mensal de Agosto é a peregrinação diocesana de Leiria. Na deste ano encorporaram-se muitas dezenas de milhares de peregrinos vindos de todas as paróquias, e muitos deles fazendo o percurso a pé.

Cada paróquia fez a sua entrada no recinto, na tarde do dia 12, com os párocos, numerosos outros

sacerdotes, irmandades, elementos da Acção Católica e outras obras de apostolado. O senhor Bispo de Leiria, com o seu auxiliar e cônegos do Cabido, recebeu os seus diocesanos à entrada do recinto, reunindo-se eles na Capela das Aparições, onde os saudou, recordando as exigências da Mensagem de Nossa Senhora: Penitência e Oração.



Entrada no recinto

Referiu-se particularmente aos abusos que se têm verificado no recinto do Santuário em que alguns visitantes se apresentam com trajos que ofendem a modéstia cristã. Recordou que Nossa Senhora recomendou muito, nas Suas aparições, a modéstia nos vestidos. E disse ainda como a pequena Jacinta profetizava de que viriam muitas modas que desagradariam a Nosso Senhor e seriam ocasião de tentações e pecados.

O senhor Bispo pediu encarecidamente a todos os peregrinos para se apresentarem sempre no Santuário decentemente vestidos e para respeitarem as disposições que nesse sentido estão prescritas.

Acabada a saudação de D. João Pereira Venâncio, rezou-se uma oração à Virgem Maria e todos se dirigiram para o local mais próximo da coluna sobre a qual estava a estátua de São Francisco de Sales que ia ser benzida e inaugurada e cuja notícia damos noutra lugar.

À noite foi rezado o terço durante a cerimónia da Hora Santa de adoração ao Santíssimo Sacramento. Pregou o bispo auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, falando sobre o espírito de renovação interior, fidelidade à graça e apostolado católico na hora actual.

Concluíram as cerimónias nocturnas com a procissão do Santíssimo Sacramento pelo recinto. Muitos milhares de peregrinos acom-

panharam, com velas acesas, Jesus na Eucaristia.

No dia 13, às 6 horas e meia foi celebrada missa pelo senhor Dom Conti Servillini, Bispo de Roraima, no Brasil, missionário da Consolata. Dezenas de sacerdotes distribuíram a Sagrada Comunhão a cerca de 22 000 peregrinos. Em seguida rezou missa no altar exterior da

Colunata Mons. Coroderoy, Arcebispo de Southwark.

Na Basílica celebrou missa em rito caldaico o padre Thomas Hanona, da cidade de Babilónia no Iraque.

Rezado o terço, às 10 horas, acompanhado a cânticos pelo coro dos seminaristas de Leiria sob a regência do dr. Carlos Silva, a





Desfile de bandeiras

imagem de Nossa Senhora foi conduzida processionalmente para junto do altar exterior da Basílica onde celebrou a missa Dom Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria.

Em lugares junto do altar assistiram o arcebispo inglês, o bispo brasileiro, Dom Moisés Alves de Pinho, Arcebispo resignatário de Luanda e Dom Américo Henriques, bispo coadjutor de Lamego, Mons. Marques dos Santos, presidente do Cabido de Leiria e diversos outros sacerdotes.

Numerosos peregrinos estrangeiros, belgas, ingleses, espanhóis franceses, italianos, brasileiros e outros, assistiram à missa na Colu-

Prelados assistentes



nata. Na outra Colunata estiveram 9 filas de doentes assistidos por médicos, enfermeiras e servitas.

Foi ainda o senhor bispo auxiliar de Leiria quem, ao Evangelho, dirigiu a palavra aos fiéis para lhes recordar o que Nossa Senhora nos pede na Sua Mensagem. É uma mensagem dura, mas uma mensagem de amor e de paz. E, bem observada, não é tão difícil como pode parecer à primeira vista. Afinal são conselhos de Mãe que só deseja o bem dos seus filhos e lhes indica o caminho seguro para conseguirem a paz neste Mundo e a felicidade suprema no outro. Se nos habituarmos a obedecer a Deus, depressa notaremos que o seu jugo é suave e o seu peso leve, como diz o Senhor no Evangelho.

Ao ofertório realizou-se a tradicional entrega de trigo para as hóstias que hão-de consumir-se, durante o ano inteiro, no Santuário. Oferta tradicional dos diocesanos de Leiria vai, de ano para ano, adquirindo adeptos deste gesto piedoso. Este ano até uma espanhola que assistira no ano passado



As promessas revelam uma fé simples da qual não estão ausentes os sentimentos de gratidão dos homens para com Deus Pai e a Virgem Maria nossa Mãe

à cerimônia, quis associar-se. Juntaram-se para cima de cento e cinquenta alqueires de trigo.

Depois da bênção dos doentes e de todos os peregrinos, o senhor bispo de Leiria anunciou a sua peregrinação a Bogotá para assistir ao Congresso Eucarístico Internacional e entregar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima àquela cidade, com passagem pelo México com idêntico fim, pedindo as orações dos assistentes pelas intenções do Santo Padre que presidiria àquele Congresso.

A peregrinação concluiu com uma piedosa e comovente procissão de «Adeus» à Virgem Maria.



NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

FIGURA DIANTEIRA

ANDRÉ RICHARD

No Seminário Internacional
sobre a Mensagem de Fátima

II

Subindo ao Calvário Húngaro, no cume de uma das elevações que circundam a Cova da Iria, este rasgão pelo qual o Céu derrama luz e vida, pensei no magnífico panorama que Nossa Senhora teve sob os Seus olhos quando, em 13 de Outubro de 1917, Ela se elevou em direcção ao Zénite depois de ter deixado o humilde escabelo da azinheira, a pequena Jacinta que Lhe dizia adeus, o Francisco e a Lúcia e aquela massa de homens presos à sua pobre terra.

Este panorama apresenta uma analogia com o espectáculo que o próprio Jesus Cristo presenciou ao abandonar o Monte das Oliveiras para entrar numa luz inacessível, no dia da Ascensão.

As dimensões do acontecimento do Monte das Oliveiras não podem ter sido apreciadas plenamente senão por Jesus Cristo. Proporcionalmente, não se pode dizer o mesmo do acontecimento de Fátima que não se pode compreender a não ser apreciando-o desde o alto. Isso é necessário para que se manifestem as suas possibilidades em relação à «pastoral de conjunto» de que se vai falar frequentemente.

Vai ser tratada em primeiro lugar a nível paroquial, depois a nível diocesano e seguidamente a nível de região apostólica, nação linguística e continental. Mas a nossa investigação não será esclarecida à luz frouxa de uma zona restrita. Para evitar uma tentativa de formigas é a partir da Igreja universal, na perspectiva dos maiores conjuntos, detectando as grandes linhas de orientação do grande conjunto que foi o Vaticano II que convém esclarecer logo os primeiros passos.

Significa que não se trata, para começar, de simples receitas, de aplicações de realização imediata, mas de orientações mais largas guiando a conduta e, por outra parte, em estreita referência com os grandes princípios da fé, com a própria mensagem do Evangelho e, para melhor dizer, com a própria Pessoa de Cristo revelada na história e sempre viva na Sua Igreja, indissolivelmente ligada a ela e, por ela, à humanidade inteira. O que explica, aliás, o teor dogmático importante do Vaticano II, desse Concílio chamado «Pastoral», mas que compreendeu muito bem que a pastoral está estreitamente dependente do depósito da Revelação, melhor compreendido e melhor exprimido.

Ora, não parece claramente que o acontecimento de Fátima, tomado superficialmente, venha contribuir com qualquer esclarecimento particular para penetrar mais activamente e mais profundamente na pastoral de conjunto da Igreja do século XX, pastoral adaptada às necessidades da humanidade deste tempo, que aspira a desenvolver-se



conforme todas as suas dimensões, em profundidade, largura e comprimento, segundo as medidas do designio de Deus e do Seu mistério de amor.

O acontecimento de Fátima com tudo o que lhe está ligado desempenha um papel pedagógico, por assim dizer. Introduz-nos no designio gracioso de Deus através da imagem de Maria que é a primeira beneficiária. Olhando para Ela, a humanidade de hoje descobre o que nós podemos chamar a sua primeira dimensão, a dimensão vertical, pela qual fundamentalmente o Criador A adaptou ao Seu grandioso projecto.



DE MÃOS POSTAS

Os homens perguntam-se: o que é o homem? Hoje em dia, os sábios, para resolver esta questão consideram como primeira necessidade a busca daquilo que aproxima as diferentes concepções e começam por eliminar qualquer referência a Deus, na crença de eliminar mais um motivo de divergência.

Mas, na realidade, o que opõe os povos é a interpretação da sua própria humanidade. Já não sabem encontrar o seu fim, a razão pela qual vieram ao Mundo, em que direcção devem caminhar. Perderam a noção da sua própria essência.

Como ajudá-los a encontrar-se a si mesmos?

Se eles pudessem ver a sua imagem original, recuperariam o dinamismo da sua natureza, orientar-se-iam novamente numa autêntica direcção, reencontrariam o seu objectivo.

A fé católica ensina-nos que o homem foi criado à imagem de Deus e que o pecado desfigurou esta imagem, mas não foi perdida completamente. Foi restaurada e é quando aparece a figura do Verbo Incarnado, Jesus Cristo. Imagem de Deus, só Ele é capaz de restituir ao homem a imagem apagada.

Mas como será Jesus Cristo tomado pela humanidade uma vez que, ao vê-lo ela se reconhece a si mesma? Logo que, unida a Ele, ela se compenetre de novo daquilo pelo qual ela foi criada e possa encontrar a felicidade na conjugação com o seu fim, realizando-se perfeitamente ela mesma.

Jesus Cristo não pode ser reintroduzido com toda a força e realismo da Sua qualidade de Deus feito homem e como protótipo da verdadeira humanidade, reflectindo Deus, sem a intervenção de Maria, sem a renovação de um claro conhecimento daquela que é Sua Mãe segundo a carne e nossa Mãe segundo o Espírito.

É daqui que nós podemos tirar a importância das aparições de Maria no nosso século em que a humanidade, pelo laicismo e o materialismo ateu, tentou arrancar de si mesma a imagem interior, marca da sua origem e incessante apelo do seu fim.

Do ponto de vista pastoral estas aparições têm uma importância considerável. A imagem dela mesma que a nossa geração procura através das «vedetas», substitui-se, pela graça destas aparições, uma figura que já se tornou a mais popular da humanidade, imagem a um tempo altíssima e tão perto de nós.

Sobre o horizonte do Globo, a «Mulher de mãos postas» ensina-nos a juntar de novo as nossas e a olhar para Deus. É uma imagem viva que nos impulsiona a dirigirmo-nos ao Céu. Nesta perspectiva a aparição de Maria em Fátima é particularmente importante. Não só porque foi marcada com provas miraculosas acessíveis àqueles para os quais a realidade de Deus se tinha esbatido, mas também porque a aparição estava ligada a uma reafirmação explícita de Deus como fim do homem. A nota dominante da sinfonia de Fátima está na oração do Anjo: «Meu Deus, eu creio, espero, adoro e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.» E a primeira pergunta essencial com a qual a Aparição de Fátima nos quis interessar foi a que Lhe fez a vidente Lúcia: «E eu também irei para o Céu?»

A primeira mensagem de Fátima consiste na afirmação de que o importante no homem é reconhecer a Deus e caminhar para Ele, contra o materialismo ateu militante ou latente.

Não são apenas dois terços da humanidade os subalimentados. É o conjunto da humanidade que tem fome. É o conjunto da humanidade que tem fome porque lhe tiraram o seu pão «substancial».

É fácil de compreender que todo o ser vivo se nutre de um alimento específico ao qual está adaptado. Recebe certos órgãos de apreensão e de assimilação que marcam o tipo da sua alimentação.

O homem está dotado de um magnífico poder de apreensão e de assimilação: a inteligência faminta da verdade, de uma verdade cujo esplendor o torna feliz. Ora, não foi para comer, nem para se vestir, nem para viver em sociedade que o homem recebeu a inteligência. Estes diferentes problemas foram simplesmente resolvidos pela natureza. A natureza substituiria a inteligência do homem se este não tivesse outra finalidade ou não respondesse a uma intenção diferente. A capacidade universal de conhecer que é a inteligência que proclama que o seu objectivo é Deus no qual unicamente o homem encontra a satisfação de todas as suas aspirações e o apaziguamento da sua inquietude.

A imagem da Virgem Maria é o símbolo mais expressivo da condição de Benson: «O Dono da Terra» em que se vê Felsenbourg, eleito presidente dos Estados Unidos do Mundo, inaugurar uma estátua gigantesca da Mulher. «Ó Humanidade, escreve: nossa mãe para todos! E, parodiando as

palavras sagradas do cristianismo, exalta a nova divindade, proclama a sua glória, força, maternidade imaculada e as sete espadas de angústia traspassando o seu coração pelo filho finalmente livre das afrontas, dos sofrimentos e ... dos preconceitos dos anteriores.

Mas não há possibilidade de engano. Maria é justamente o antídoto desta divinição sacrílega do homem. A rainha de mãos postas não é uma deusa. É aquela que não existe senão para Deus, que tudo relaciona com Deus, que nos ensina a não viver senão para Deus.

Esclarece sem equívocos o que se pode chamar a dimensão vertical do homem, a sua adaptação ao que é mais elevado e grita a todos os homens com uma voz mais forte do que a de Agostinho: «Fizeste-nos para Ti, meu Deus e o nosso coração não descansa senão em Ti.»

MARIA E A UNIDADE HUMANA

Existe, porém, uma outra dimensão da humanidade da qual é urgente tomar consciência. As exposições de Bruxelas e Montreal mostraram com o maior relevo as possibilidades técnicas de unidade que existem, hoje, entre todos os homens, e a necessidade prática de fazer cair não as legítimas diferenças e diversidades humanas que são riquezas, mas as barreiras que separam. A impaciência do avião ou do engenho astronáutico perante o espaço interdito comunica-se, hoje, a todos os homens.

E não obstante o homem continua profundamente separado do homem. As velhas limitações podem ser superadas: as montanhas, os rios, os oceanos, a linha do equador que divide as imensidades estreladas. Hoje em dia foram substituídas pelas barreiras infranqueáveis de uma nova geografia, que estabelece no próprio espírito dos homens as suas linhas de separação. Eis as verdadeiras cortinas de ferro que separam o homem do homem que mora no segundo andar esquerdo.

Actualmente a antiga confusão de línguas foi agravada por uma subversão mais radical da linguagem. Não há intérpretes que cheguem. Não foi somente o nome das coisas que mudou, mesmo quando nomes idênticos lhes foram dados.

Quando um comunista consciente diz «o homem», ele compreende um aglomerado efêmero formado por uma matéria que jamais teve a intenção de produzi-lo; absolutamente distinto do que entende a criança no catecismo para a qual o homem é uma criatura de Deus, composto de corpo e de alma livre e imortal. Mas não vamos tão longe. As palavras tipo da política mundial que diariamente soam na rádio não passam de simples homônimos. As mesmas palavras de democracia, de liberdade, de paz representam realidades totalmente diversas que se tentam apresentar com a mesma etiqueta.

A extrema confusão daí resultante faz nascer um apelo angustioso e quase louco à unidade profunda. O próprio facto de empregar idênticas palavras é uma involuntária homenagem à aspiração inextinguível de unidade.

A MATÉRIA? UMA MADRASTA

Qual a ponte a lançar entre os homens? Todas as discussões metafísicas e as conferências não chegam a quaisquer conclusões. Portanto, o meio mais fácil não será procurar a unidade na comunidade de origem, a menos sujeita a controvérsias, a mais clara, pois é a própria terra, o globo ao qual os homens de hoje se agarram com todas as forças? Não poderia o homem, filho da terra, filho da matéria,

parcela deste Mundo, encontrar na tomada de consciência de tal origem, encontrar uma suficiente e fecunda união?

Mas a tentativa de união só pela terra é lenha que arde. Quando se adere ao cosmos recusando reconhecer os liames que unem a um princípio superior e puro de unidade são os elementos inferiores os que predominam e a natureza tende a tornar-se matéria, princípio de divisão sem fim.

É, aliás, nesta perspectiva que o marxismo considera a matéria como princípio de todos os antagonismos, uma espécie de contradição radical de que nasce uma dialética de combate sem descanso e de revolução permanente.

Como poderão os homens encontrar, na adesão a esta madrastra, a alegria de um parentesco, o amor de uma fraternidade?

A ideologia materialista não se pode manter senão por uma sábia conjugação da violência policial com os equívocos de uma propaganda que utiliza o ideal indesejável do homem. Que fazer, então? O Ocidente liberal, flutuando a todos os ventos de doutrina, parece já não ter força para se elevar com certeza até ao princípio superior, até à unidade suprema que confere a ordem, o poder de atracção e a beleza à multidão de elementos de ordem material, e que fizeram um Mundo harmonioso, o Cosmos. Deus parece estar muito longe, inacessível. E o Deus que veio ao meio de nós, Jesus Cristo, foi negado.

Desde então a fraternidade, que é uma noção historicamente cristã, cortada da sua raiz é, no Ocidente, uma palavra vazia da sua substância, uma aspiração sem força. É impotente contra a atracção do clã, da «cidade fechada», esse compromisso entre o individualismo imensamente exigente que desde há muito mantém a divisão das raças, das classes, dos partidos, dos espíritos.

MARIA E A FAMÍLIA DIVINA

É em tal conjuntura que a Igreja mostra, a esta humanidade que não sabe reconhecer o seu Pai em Deus e que não se satisfaz com reconhecer como sua mãe a matéria bruta, uma imagem singularmente atraente e luminosa.

É a imagem de Maria, Mãe de Deus incarnado, Mãe dos homens.

Graças à Mãe de Jesus, o parentesco com Deus torna-se um caso concreto, histórico, rodeado e garantido por relações «humanas» que são a vizinhança e a consanguinidade. Mas, ao mesmo tempo, Maria em quem se realizou a geração de Cristo e do Corpo Místico, aparece como a mulher Ideal que dá um rosto expressivo à criação inteira. N'ela, «o eterno feminino», síntese da virgem, da esposa e da mãe, revela-se de um modo inesperado, com a força e a graça de um sonho inacessível tornado uma realidade histórica, uma pessoa viva.

Maria possui também uma aptidão extraordinária para unir todos os filhos da terra e torná-los conscientes do seu parentesco que tem a sua origem ao mesmo tempo em Deus, o Pai dos Céus, e em Jesus Cristo, o Filho do Homem, seu irmão, e na própria Virgem Maria, terrena, filha da árvore humana e flor do cosmos universal.

MARIA E A GEOGRAFIA

A aptidão de Maria para unir não é apenas uma dedução literária. Manifesta-se de modo saliente nos acontecimentos mariais do nosso tempo, nos lugares assinalados pelas Suas aparições.

Lourdes e Fátima tornaram-se terras de unidade e de catolicidade onde a comunidade humana adquire consciência de si mesma e se alarga.

Tem-se acentuado que em Fátima a Virgem quis interessar as crianças, ignorantes dos mais insignificantes elementos de geografia, no que se passava na longínqua Rússia. Pediu-lhes orações e sacrifícios pelo enorme continente desconhecido do Leste. Mostrou-lhes uma das dimensões necessárias do Reino de Deus, a sua «extensão» até aos confins do Mundo.

Ultrapassando ainda o universalismo de Lourdes, Fátima veio a ser o ponto de partida das «Virgens Peregrinas», que vão através do Mundo inteiro levar, de maneira popular e concreta, a mensagem universal da Igreja Católica, mais bem recebida pelo facto de ser apresentada por uma Mãe cheia de ternura, não só Mãe de Deus mas também Mãe dos homens.

Foi por isso que o Papa Pio XII pôde afirmar na clausura do Ano Santo Mundial, em Fátima, a 13 de Outubro de 1951: «Sob o olhar maternal da Celeste Peregrina, já não existem antagonismos de nacionalidades ou de raças que dividem, já não há interesses contraditórios que opõem os Seus filhos».

MARIA E A DIMENSÃO HISTÓRICA

À pergunta: o que é o homem? Maria responde com o exemplo e o apelo das Suas mãos postas, erguidas para Deus, que afirmam claramente a essência religiosa do homem, a sua estatura erguida característica, a sua dimensão vertical. À pergunta: existe uma humanidade? Maria responde com os braços estendidos para todos os homens Seus filhos, e a Igreja Católica exprime maravilhosamente por Ela a terna solicitude da Sua maternidade universal.

Mas o fenómeno novo que significam as grandes aparições e particularmente as de Fátima, pôs em evidência o que nós podemos chamar, com São Paulo, a «longitude» do Reino de Deus, a sua capacidade para se desenvolver no tempo, a sua dimensão histórica.

Hoje em dia todas as concepções que pretendem responder às aspirações do homem apoiam-se sobre a história. Acontece porém, que só a concepção cristã da criação e da regeneração pela Redenção permite uma verdadeira concepção da história. Fora do nosso dogma, visto conforme à mais alta razão, não existe nenhuma possibilidade de história propriamente dita. Na concepção materialista de uma matéria em movimento indefinido não existe qualquer esperança de libertação.

Na realidade, esta matéria suposta eterna, princípio de luta, de contradição e de receio do bem e do mal indefinidamente misturados, não é mais do que uma triste reincidência do crime e da miséria. Por esse lado não se vislumbra qualquer esperança legítima e sólida para o homem.

O cristianismo, pelo contrário, afirmando um ponto de partida, ou seja a criação, permite afirmar também uma direcção, um sentido, um ponto de chegada que não é um fim, um termo mas o acesso àquilo que jamais acaba.

Também aqui as grandes aparições do nosso século dão uma preciosa contribuição. Confirmam o realismo histórico da Igreja que, como «empresa de Deus» se desenvolve através dos acontecimentos da história até ao complemento final e triunfal.

Quaisquer que sejam a significação teológica das aparições marianas e a sua aptidão para inserir-se mais ou menos no credo Católico, é inegável que elas criam, na opinião popular, uma espécie de continuidade flagrante, tangível entre os acontecimentos do Evangelho, entre as personagens desse «outrora» que nós temos tendência a relegar para o mítico, para o «então», e as imagens às quais se apega a nossa fé e a nossa contemplação interior de hoje.

Facilitam a passagem a pé enxuto, se assim se poder dizer, entre o que os modernistas chamam da história e o Jesus da fé, entre a Virgem judia da São Lucas e a «Rainha elevada ao Céu» do dogma católico romano.

MARIA E O SENTIDO DA HISTÓRIA

Em Fátima, a continuidade histórica do passado ao presente é acompanhada pela garantia sobre a continuidade do dia de hoje e o amanhã. Não só existe ali uma história, mas esta história tem um sentido que todos os poderes adversos não conseguirão inverter.

A mensagem de Fátima, na qual se dá uma revelação do futuro, feita pela Virgem sobre acontecimentos que deveriam suceder somente 10, 20, 30 ou 40 anos depois manifesta o domínio de Cristo sobre a história, o domínio do Eterno que veio ao tempo para conduzir, finalmente, o tempo ao porto da Eternidade. «Em Fátima os sucessos do comunismo ateu não são uma surpresa, foram anunciados, foram avaliados, colocados dentro dos limites que jamais franquearão, despojados da sua «aura mística». A sua essência revela-se. Não são o ponto final do progresso, uma exaltação do dinamismo da natureza. São uma calamidade passageira, consequência de um desvio de ordem espiritual cuja responsabilidade não pertence, aliás, exclusivamente aos povos do Leste. Não houve, porventura, um arrefecimento geral da caridade entre os filhos da Igreja?»

«Sem dúvida, o dia 13 de Outubro de 1917 em Fátima, como continuação e prova do anúncio da Virgem: «Se não fizerdes o que eu vos peço, muitas nações serão amiguadas» — eco da ameaça bíblica e evangélica: «Se vos não converterdes, todos perecereis», — parece que se vislumbra já no horizonte. E, depois de Hiroshima, muitos têm feito uma comparação entre o sol de morte da deflagração atómica e o sol angustante da Cova da Iria.

«Mas, finalmente — acrescentou a Virgem — o Meu Coração Imaculado triunfará, a Rússia converter-se-á e será concedido ao Mundo um tempo de paz» Assim, Maria veio garantir-nos que o mundo resgatado por Seu Filho não se perderá. Veio informar-nos sobre o futuro da humanidade.»

MARIA E O FIM

Mas isto não quer dizer que a humanidade deva continuar indefinidamente num «rame-rame» que satisfaz. Em Fátima Maria faz prever novas dificuldades, e até o termo de condições históricas ao acabar a Sua comunicação de 13 de Julho com estas palavras: «Será concedido aos homens um tempo de paz. Portugal conservará a paz até ao fim do Mundo.»

Destá forma as marifonias do nosso tempo parece anunciarem e prepararem um «fim», ou seja a maturação extraordinária do bem e do mal evocada por São João no Apocalipse quando o pecado dos perseguidores e o sofrimento dos perseguidos, atingindo o seu limite, apelarem irresistivelmente pela vinda de Cristo, Juiz para uns, libertador para os outros.

O «tempo de paz» de Fátima não é senão um «certo tempo de paz», sendo permitido pensar que a sua importância, ao legitimar uma grandiosa marifonia, lhe vem da sua estreita relação com a «paz final» do Reino eterno.

Pode-se ainda inferir que este período de remissão deverá permitir a evangelização do mundo sobre um mundo que dará sentido pleno à palavra de Cristo: «Este evangelho do Reino será pregado como testemunho a todas as nações. Só então virá o fim». E, juntamente com as cortinas de ferro, não só cairão as cadeias da Igreja do Silêncio mas também «o pacífico triunfo da religião» que o Papa Pio XII esperava da consagração do Mundo ao Imaculado Coração, será certamente como que uma antecipação simbólica da Cidade de Deus, vinda na perfeição do seu poder de unir; como uma preparação, necessária etapa a atravessar antes

da Aparição por excelência, a Parousia, que fará descer sobre a história o pano de um sucesso definitivo.

Assim, a atenção aos factos mariais da nossa época, libertando-nos da «política» ou seja da adesão incondicional a um acontecimento religioso de ordem puramente temporal, levanta a nossa esperança até à vista inconfundível de uma cidade onde a justiça habita, de uma Nova Terra onde Deus estará para sempre com o Seu povo.

Assim se exprime por Maria uma das dimensões essenciais do cristianismo e como se adapta perfeitamente às preocupações dos homens do nosso tempo. A religião católica aparece, n'Elá, como a religião histórica por excelência, aquela que «liga o passado do género humano ao seu estado actual e contém já a substância do seu termo; aquela que continua, através dos séculos, até ao seu complemento, a empresa de Deus, o Seu plano que é de «reunir em um», definitivamente, os dispersos filhos de Deus». (Manifesto do Movimento pela Unidade).

Eu quis evocar de uma maneira global as dimensões imensas do acontecimento de Fátima para apresentar à vossa reflexão o modo de como adaptá-lo aos nossos contemporâneos a apresentação de tal acontecimento.

Terminarei com a pequena história do Bispo de Parma durante uma «peregrinação» de Nossa Senhora de Fátima pela Itália. Disse que era digno de menção o facto de a estátua ser muito pequena. De facto, as reduzidas dimensões da

imagem recordam-nos que Maria se apresentou, tanto em Fátima como em Lourdes, sob a aparência de uma menina que não era maior do que a Bernardete nem assustou as três crianças da Cova da Iria. Também nós aprendemos já, na nossa era atómica, que o máximo da potência e da eficácia está, por vontade de Deus, no mais pequeno.

Só Maria é assás pequena, bastante humilde para nos ensinar até onde a humanidade pode e deve apoiar a sua vontade de abertura em todas as direcções. Só Ela nos pode introduzir no mais além.

O homem que não tivesse passado para lá dos limites do seu país ou mesmo do globo terrestre senão para se lançar a um universo separado de Deus, faria do cosmos uma cidade fechada e asfixiante. Este mundo é ainda muito pequeno para o homem em que Deus introduziu o desejo do infinito.

É por isso que a Igreja Católica não pode dar, no momento actual, uma lição mais oportuna e um exemplo mais instrutivo do que apresentando à humanidade a imagem de Maria como a expressão ideal da sua essência profunda e da sua futura perfeição.

Maria é a mulher de mãos postas que, recebendo aqui em baixo, Deus, que não era deste mundo, e conferindo-Lhe a cidadania terrestre, mereceu para todos nós a cidadania divina.

Nossa Senhora de Fátima, figura de proa no barco humano que navega em direcção ao seu polo: Deus.

REUNIÃO DAS CONFERÊNCIAS VICENTINAS

Nos últimos dias de Julho as Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo reuniram-se em Fátima, para consagrarem à Virgem os seus trabalhos.

A concentração fez-se na Cruz Alta, seguindo todas para a frente da Basílica, depois de saudarem a Virgem na Sua capelinha.

Houve missa e comunhão na Basílica, à noite, seguindo-se a procissão do Santíssimo, com as velas acesas, que percorreu toda a esplanada.

Ao outro dia, fez-se a Via Sacra, debaixo da Colunata e depois do pequeno almoço, realizou-se a assembleia geral de todas as Conferências presentes que compareceram em grande número, mais de mil Vicentinas, apesar de ainda não há muito se terem feito as peregrinações diocesanas, dentro do Ano da Fé.

Presidiu à assembleia assim como a todos os outros actos da peregrinação o sr. bispo de Telepte, D. Manuel Falcão, que estava ladeado pela sr.^a D. Maria da Glória de Barros e Castro, presidente do Conselho Superior das Conferências Femininas, pelo cónego Correia de Sá, (Asseca), D. Maria José Novais e o presidente do Conselho Particular de Lisboa das Conferências Masculinas, dr. João de Oliveira e Silva.

A sr.^a D. Maria de Lourdes Forjaz, secretária do Conselho Superior, leu a acta da anterior assembleia, também realizada em Fátima o ano passado.

Em seguida falou a presidente do Conselho Superior, D. Maria da Glória de Barros e Castro, que, antes de mais nada, teve uma palavra de muita saudade para Mons. Honorato Monteiro falecido o ano passado e que

foi, durante muitos anos assistente nacional das Conferências.

Disse que ficou a substituí-lo o prior de S. Domingos, cónego Correia de Sá (Asseca), grande amigo da obra vicentina.

Depois de invocar a protecção de Nossa Senhora de Fátima, teve palavras de homenagem e muito agradecimento para o sr. D. Manuel Falcão, que se deslocou a Fátima para presidir àquela reunião vicentina.

Agradeceu também a comparação do presidente do Conselho Particular de Lisboa que representava o presidente do Conselho Superior.

Referindo-se aos assistentes, teve também palavras de agradecimento pela sua comparação em grande número e disse que as Conferências muito tinham a esperar da sua acção e do seu carinho por elas.

(continua na pág. 18)



O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

«Olhai, está a chegar a hora — já chegou até — em que vos dispersareis cada qual para o seu lado e a mim me deixareis sózinho. Mas eu não estou só, pois o Pai está comigo. Disse-vos estas coisas para que tenhais paz em mim. No mundo tereis aflições; mas tende confiança, eu venci o mundo» (2). (Jo. 16, 32-33)

ORAÇÃO DE JESUS

A AGONIA DE JESUS

ÚLTIMOS CONSELHOS DE JESUS

Depois da ceia Jesus falou demoradamente com os Seus Discípulos, dizendo-lhes, entre outras coisas, o seguinte: «Rogarei ao Pai por vós, já que o Pai, Ele também, vos ama, porque vós me tendes amado e crestes que eu saí de Deus. Saí do Pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e vou para o Pai (1). (Jo. 16, 26-28)

Seguidamente orou por Si mesmo: «Pai, chegou a hora: glorifica o Teu Filho para que o Teu Filho Te glorifique a Ti» (Jo. 17, 1). Pelos Seus Discípulos: «Rogo por eles: não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me encomendaste, porque são Teus; e as minhas coisas, são todas Tuas, e as Tuas minhas; e fui glorificado neles. Desde agora não estou no mundo, e estes ficam no mundo e eu vou para Ti. Pai Santo, guarda-os em Teu nome, estes que Tu me deste, para que sejam um como nós» (Jo. 17, 9-11) «Confirma-os na verdade: a Tua palavra é verdade» (3). (Jo. 17, 17)

Pela Igreja futura: «Não rogo somente por estes, mas também pelos que creiam em mim por meio da sua palavra; que todos sejam um; como Tu, Pai, em mim e eu em Ti, que também eles em nós sejam um, para que o mundo creia que Tu me enviaste» (Jo. 17, 20-21). «Eu neles e Tu em mim, para que sejam consumados na unidade; para que conheça o mundo que Tu me enviaste e os amaste a eles como me amaste a mim» (4). (Jo. 17, 23)

«Dito isto, saiu Jesus, juntamente com os Seus Discípulos, para a outra banda da torrente do Cedrão, onde havia um horto, no qual entrou e, com Ele, os Seus Discípulos.

Também Judas, o que O atraíçoa, conhecia aquele lugar, pois muitas vezes ali se tinha reunido Jesus com os Seus Discípulos» (Jo. 18, 1-2).

«E chegando à granja cujo nome é Getsémani ou Monte das Oliveiras (Luc. 22, 39) (5), disse aos Seus Discípulos: sentai-vos aqui enquanto faço oração.

E levou consigo Pedro, Tiago e João, e começou a sentir medo e abatimento e disse-lhes: a minha alma padece uma tristeza mortal; ficai aqui e velai» (6) (Marc. 14, 32-34).

«Então, arrancando-se de ao pé deles, afastou-se aí como à distância de um tiro de pedra e caindo de joelhos, orava dizendo: Pai, se queres, afasta de mim este cálix; mas não se faça a minha vontade senão a Tua. E apareceu-Lhe um Anjo vindo do céu que O confortava (7). E estando em agonia, orava mais intensamente. E o Seu suor fez-se como gotas de sangue que caíam ao chão». (Luc. 22, 21-44)

«E levantando-se, volta até junto dos Discípulos e encontra-os a dormir, e diz a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste velar uma hora? Vigiai e orai para não cairdes em tentação; o espírito está preparado mas a carne é fraca.

E tendo-se afastado de novo, pôs-se a orar, repetindo as mesmas palavras.

E tornando, encontrou-os outra vez a dormir, porque tinham os olhos pesados. E não sabiam como desculpar-se. E veio uma terceira vez e disse-lhes: por mim, dormi e descansai... Já está: chegou a hora; eis que o Filho do Homem é entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos; olhai, o que me entrega está aqui perto». (Marc. 14, 37-42)

MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

A mente comovida chega a contemplar a imagem do Salvador na hora do supremo abandono: «E teve um suor, como de gotas de sangue, que caía ao chão». (Luc. 22, 44). Isto expressa a íntima pena da alma, a amargura extrema da soledade, o alquebrar do corpo decaído. A agonia é provocada pela iminência daquilo que Jesus vê claramente: a paixão que O espera.

A cena do Getsémani serve de estímulo ao esforço da vontade para aceitar o sofrimento: «Não a minha vontade mas a Tua» (Luc. 22, 42). Palavras que ensinam como se sofre e precisam como se obtém os maiores méritos. Mas também são consolação interior e verdadeira para todas as almas que sofrem as dores mais agudas e misteriosas. Que tonalidades de confiança e de ternura adquire nesta luz a invocação de Maria que experimentou esta íntima agonia em união com o Seu Filho!

A intenção da súplica eleva-se a uma devota referência ao Papa, visto nas suas universais responsabilidades, objecto de viva preocupação para o seu próprio coração que, não obstante, confia na perene assistência prometida por Cristo ao Seu Vigário; e invoca ao mesmo tempo forças e consolo para os que sofrem com Ele, para os atribulados, para os aflitos.

S.S. João XXIII

I — A AGONIA

O termo grego «agonia» significa luta, representa a luta dos atletas para a conquista do prémio, o que exige denodados esforços dos membros e do espírito, temor e tremor ante a expectativa do combate. Daqui vir a significar o tremor que acompanha a luta derradeira entre a vida e a morte.

A agonia de Jesus é a luta entre a Sua sensibilidade que estremece ante a expectativa do sofrimento e da morte, e a Sua razão que aceita, voluntariamente, o decreto divino. Ele conhece perfeitamente a Sua responsabilidade de Salvador e sabe quanto Lhe vai custar ter aceitado carregar com os nossos pecados e sofrimentos.

Isaías prevê esta luta ao falar da Paixão do Servo de Jahvé: «Aproveu a Deus destroçá-Lo com padecimento. Quando Ele puser a Sua vida como meio expiatório, verá descendência, prolongará Seus dias e o desígnio de Jahvé por Ele prosperará. Graças à fadiga da Sua alma verá luz e se saciará; por meio do Seu conhecimento, me: Servo, o Justo, justificará a muitos e levará sobre Si as iniquidades deles». (Is. 53, 10-11).

A agonia de Jesus é uma prova irrefragável da realidade da Sua humanidade e, ao mesmo tempo, um exemplo para nós.

«O exemplo de Jesus, diz o P.^o Lebreton, mostra-nos que Deus não condena as angústias da nossa natureza e que a mais elevada virtude do cristão pode contentar-se em conseguir dominá-la sem a pretensão de a abafar».

Esta luta começara já muito antes com o próprio Satanás que «O deixou até outra oportunidade» (Luc. 4, 13) e recomeça violentamente nesta hora do poder das trevas (Luc. 22, 53). No Monte das Oliveiras, Jesus triunfa da tentação por uma oração incessante, dando-nos a todos exemplo de luta até à efusão de sangue (Luc. 22, 40-46).

II — O SUOR DE SANGUE

O fenómeno tem o nome de hematóidrose, é mencionado já por Aristóteles, e é bem conhecido dos médicos. Não admira que o médico Lucas repare neste pormenor e no-lo relate, só ele, no seu Evangelho.

Consiste numa expulsão de sangue, sem qualquer lesão da pele, através das glândulas sudoríferas. Por alterações do sangue ou por impressões nervosas intensas ou grande emoção, qual no caso de Jesus, os capilares sanguíneos do aparelho sudorífero congestionam-se e rompem-se, provocando um derramamento de sangue pela superfície subcutânea das glândulas sudoríferas que, vencendo a pouca resistência da pele, sai para a superfície da mesma. Nos anais da medicina são conhecidos fenómenos iguais provocados por enorme angústia mental e dores extremas. As mesmas causas provocam, por vezes, o encanecimento instantâneo do cabelo.

O caso é um apontamento evidente da intensa agonia de Cristo, do profundo abatimento a que chegou a Sua natureza humana, a tal ponto de Deus Lhe enviar um Anjo para confortá-Lo.

«Orando com suor sanguíneo, o Senhor representava todo o Seu Corpo que é a Igreja, a qual seria manancial de mártírios» — Lib. Sent. Augustini (sent. 68).

III — O ALHEAMENTO DOS APÓSTOLOS

Jesus combateu sozinho, como o atleta que deve enfrentar os obstáculos da luta fiando-se apenas da sua força e destreza.

Os Apóstolos dormiam, acobardados pela tristeza e pelo sono que aquela muitas vezes provoca.

Jesus insiste com eles e, por eles conosco, sobre a necessidade de vigiar e orar para vencer a tentação. Esta é a preparação exigida ao atleta cristão para a luta que há-de empreender com os seus três inimigos: o mundo, o demónio e a carne. «Assim como o atleta que vai entrar em combate no estádio se abstém de tudo quanto possa prejudicá-lo», diz São Paulo, assim também nós nos devemos abster de tudo que nos impeça vencer na vida, de tudo aquilo que nos possa separar de Cristo.

ORAÇÃO

Nós Vos glorificamos, ó Trindade, único princípio, soberano criador de todas as coisas, natureza suprema, eterna, vivificadora, benévola, amiga da humanidade, sumamente boa.

Pedimo-Vos perdão pelos nossos pecados, a paz para o mundo, a unidade de ideais para as Igrejas.

Única Dominação, única Soberania Divina com triplice esplendor e triplice rai: acolhei benignamente os que Vos glorificam com os seus hinos; absolvi-os dos seus pecados; livrai-os das tentações e adversidades e, pela Vossa misericórdia, concedei à Igreja, em breve, a paz e a união.

Ó Cristo, meu Salvador, Vós que habitastes no seio da Virgem e neste mundo, obra das Vossas mãos, aparecestes sem qualquer mutação ou mistura, tornando-Vos como Deus e como homem juntamente. Vós

que prometestes formalmente que estardes sempre com Vossos servos, pela intercessão d'Aquela que Vos gerou, concedei a paz a todo o Vosso rebanho.

(Invocações dominicais bizantinas, pela união das Igrejas, compostas por São Metrófones de Esmirna)

(1) «Saí do Pai e vim ao mundo (Prólogo do IV Evangelho); agora deixo o mundo e vou para o Pai», é como que o resumo de todo o Evangelho de São João que traz, do seio do Pai, o Verbo ao meio dos homens, e agora, pelas próprias palavras de Jesus, nos indica como Ele vai partir para a Sua real morada junto de Deus.

(2) Jesus venceu ou, melhor, vence o mundo no Seu corpo que é a Igreja. Santo Agostinho diz: «Tiveram fé e venceram. Mas em quem a não ser n'Ele? Ele não teria vencido o mundo se o mundo vencesse os Seus membros. Por isso diz o Apóstolo: Sejam dadas graças a Deus que nos dá a vitória (I Cor. 15, 57), e acrescenta imediatamente: por Nosso Senhor Jesus Cristo».

E São João, escrevendo às Igrejas da Ásia, recorda-lhes: «Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé» (I Jo. 5, 4).

(3) Jesus pede que Seu Pai os consagre para a função sacerdotal de pregar a verdade, para aquilo que São Paulo chama «o sagrado ministério do Evangelho» (Rom. 15, 16). A missão deles é continuar a missão de Jesus.

(4) É este um eco da graça da Eucaristia pela qual, segundo São Cirilo, Santo Hilário e muitos comentadores depois deles, se realiza a oração de Jesus. Por meio do Sacramento «concorporativo» a Igreja pode mostrar ao mundo que o Pai ama a Igreja como ama o Seu Filho. Na realidade é um só amor, pois a Igreja é Cristo.

(5) Getsémani quer dizer «lagar de azeite». Havia ali um lagar de azeite.

(6) Os mesmos Discípulos que assistem à glória da Sua Transfiguração, assistem também à humilhação do Seu abatimento físico ante a perspectiva dos sofrimentos que O esperavam.

(7) Apenas São Lucas relata este pormenor do Anjo, assim como o do suor sanguíneo.

Passou depois a relatar o que se passara na reunião que houve em Paris das Conferências de todo o Mundo e entre outras coisas, afirmou que é em Portugal que há maior número de Conferências e, em Portugal, é o Porto que vai à frente, pois só na diocese do Porto há 216 Conferências Femininas.

Tratou-se ainda da adaptação das Conferências ao mundo moderno, o que aliás já há muito se estava a fazer pois, embora alguns digam que as Conferências estão ultrapassadas, elas estão, pelo contrário, cada vez mais adaptadas às condições do mundo moderno, na promoção da pessoa humana.

Relativamente a algumas modificações do Regulamento, sobretudo à que diz respeito ao limite de idade nos vários cargos, disse que essas mudanças nunca se deviam fazer com prejuízo para as Conferências mas com prudência e oportunidade.

Quanto à fusão das duas Sociedades, afirmou que foi apenas nos Conselhos Gerais, pois os Conselhos Superiores continuariam a existir inteiramente independentes. Aconselhou que não devia de haver demasiada preocupação de copiar o que se faz no Estrangeiro, pois cada país tem a sua índole especial.

Anunciou que em Paris foi resolvido que o próximo Congresso Internacional de jovens vicentinos se realizasse em Portugal no ano que vem, para o

que já se estão a preparar alguns elementos.

ALOCUÇÃO PELA SENHORA D. MARIA JOSÉ NOVAIS

Dada a palavra a esta senhora, saudou a senhora D. Maria da Glória de Barros e Castro e felicitou-a por continuar à frente das Conferências em Portugal, o que constituía uma justa homenagem de todas as Vicentinas. Falou do desejo de que todas as Vicentinas estão imbuídas de realizar uma verdadeira promoção social das suas pobres e trabalharem em métodos adaptados às condições da vida moderna.

Lamentou a falta da mulher no lar a qual, hoje, geralmente não está educada para educar os seus filhos. Perdida em mil tarefas e empregos fora da família, esta fica abandonada de um dos seus mais imprescindíveis elementos de educação. Se conseguíssemos reconduzi-la ao lar, teríamos dado um grande passo para a morigeração dos costumes.

Referindo-se à vida de S. Vicente de Paulo, disse que ele doara o seu coração totalmente a Deus, no seu amor aos pobres e que o mesmo devia fazer a Vicentina. Vemos senhoras várias darem indignamente o seu coração a um gatinho, um cão que trazem no regaço como se fosse um filho ou outro animal qualquer, quando o nosso coração foi criado para coisas mais altas,

sobretudo para realizar em plenitude de amor as verdades do Sermão da Montanha.

Neste mundo de tantas confusões e de tantas negações precisamos elevar-nos às alturas das montanhas transcendentes dos ideais supremos de Cristo.

O SR. BISPO DE TELEPE ENCERROU A ASSEMBLEIA

Estou aqui com imensa alegria — afirmou Sua Ex.^a Rev.^{ma} — pois também sou vicentino há muitos anos. E noto hoje aqui que as Conferências Femininas estão em pleno desenvolvimento renovando a sua juventude, essa juventude que vem do amor de Cristo.

É que desde que a vida da graça se renova em nós e o amor vive no nosso coração, estamos em contínua renovação.

Mais adiante — amemos os pobres, pois o Senhor fez-se o servidor de todos, mas sobretudo dos pobres.

Vamos celebrar a santa missa, terminando assim esta concentração vicentina. Lembremo-nos que é na missa que se realiza a verdadeira união dos corações e das almas e nos sentimos verdadeiros irmãos no amor de Cristo. A seguir, houve missa concelebrada por todos os assistentes e grande comunhão geral. Após o almoço, cada uma se foi retirando para as suas terras levando na alma novas energias e no coração muita saudade daquele encontro.

O VALOR SOBRENATURAL DO SOFRIMENTO

MIGUEL PEREYRA, S. J.

**«DIZER SIM A DEUS É CONSTRUIR
UM MUNDO MAIS APTO PARA PAZ,
A JUSTIÇA E O AUTÊNTICO AMOR...»**

I — O PROBLEMA

Há dois problemas centrais, na vida do homem, com os quais todos nós, mais cedo ou mais tarde, nos temos de enfrentar. São dois problemas irredutíveis entre si que, não sendo resolvidos, levam muitos homens a fracassar na vida: a aceitação de si mesmos e a solidão.

A aceitação faz com que o homem enfrente a sua própria realidade. O homem é limitado e, portanto, depara, muitas vezes, com a sua impotência. Fracassa nos seus esforços e não chega aonde espera. A solidão leva o homem a enfrentar os seus desejos de se relacionar com os demais.

A aceitação e a solidão, dois elementos de inadaptação do homem, em cuja base está o sofrimento. Sofrimento que acompanha o homem no caminho da sua vida. A todo o homem, que não só aos doentes.

Muitas vezes, ao falar de doentes, incluem-se neste dilema: ou santos ou amargurados. Porquê? Nem uma coisa nem outra. É uma provação humana como outra qualquer. Um pai de família tem um filho doente, ficou sem trabalho, tem problemas de emprego ou económicos e, talvez, familiares. Também tem que responder a um porquê do seu sofrimento, se bem que esteja são.

Causa-me medo falar do sofrimento, porque o entendemos mal.

A redenção e o sofrimento de Cristo concebêmo-los constantemente, segundo um esquema repetido muitas vezes na pregação:

- a) Deus criou-nos e pôs-nos no Mundo;
- b) O homem peca, desobedece a Deus e perde a Sua amizade. Rompe-se a ordem estabelecida por Deus;
- c) Deus, na Sua misericórdia, não nos pode perdoar, pois o homem não satisfaz a Sua justiça. A ofensa, por ser a Deus, é infinita e a reparação do homem é limitada;
- d) Cristo, o Filho, carrega com os nossos pecados e aplaca a justiça de Deus, com a Sua morte.
- e) Esta Redenção cruenta de Cristo faz-nos voltar à amizade do Pai.

Ante este esquema que temos ouvido e do qual talvez participamos, pode surgir uma dupla reacção.

A primeira, a do homem culto, do homem intelectual que se revolta diante da ideia de que para reparar uma injustiça se comete outra maior, qual é a de que, para se salvarem os culpados, castiga-se o Inocente. Não admite este acto ditatorial de Deus Pai que condena o Seu filho.

A segunda reacção é a do homem simples, o homem da rua, que agradece imensamente a Cristo que o salvou, que sofreu pelos seus pecados. Contudo, teme a Deus Pai, um

deus de pau, que de pai tem muito pouco. Perdem algo de central do cristianismo: que a Redenção é uma iniciativa de amor de Deus Pai que nos salva gratuitamente. Por isso, chega um dia em que este homem, de religiosidade simples, acabrunhado pela ideia de um deus justiceiro, que deixou de ser Deus, encontra a sua libertação no fenómeno actual, tão espalhado, da morte de Deus. Declara-se ateu e descansa numa opressão justiceira. Tinha esquecido que Deus é Amor.

O importante da Redenção de Cristo não é o sofrimento, mas a obediência ao Pai e o amor. Cristo fez-se solidário com todos os homens, é Cabeça do Corpo Místico e, com a Sua obediência de amor, responde à iniciativa de Deus Pai para nos salvar. Porque a prova de que Deus nos ama é que Cristo, não obstante sermos pecadores morreu por nós (Rom. 5, 8). A morte de Cristo e o Seu sofrimento são sinal do amor de Cristo aos homens e ao Pai.

II — REACÇÃO CRISTÃ ANTE O SOFRIMENTO E A DOR

No II Concílio Vaticano apresenta-se-nos um grande paradoxo. Há uns elementos positivos que se gravam em nós continuamente. O valor do trabalho do homem, na construção de um mundo melhor, numa cidade terrena em que superemos a fome, a injustiça, a guerra. Na Constituição sobre a Igreja e o mundo actual o Concílio responde à situação do homem no mundo de hoje, à interrogação perante a dor e a morte, animando o cristão para que com o seu trabalho e actividade no Mundo, faça frente aos principais problemas da sociedade. Cristo apresenta-se-nos como o princípio e o fim, o alfa e o omega (Ap. 22, 12-12), numa visão quase teillardina do Mundo. A nossa missão é restaurar em Cristo, tudo o que há no Céu e na Terra (Ef. 1, 10).

Outra amostra desde sentido positivo, que o Concílio nos deu, reflecte-se no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos, no qual se destaca o labor específico do secular na edificação da cidade terrena infundindo-lhe um espírito cristão, que seria a «Consecratio Mundi», de que já falou Pio XII.

Então que lugar tem a dor e o sofrimento, que são mutilações deste aperfeiçoamento do Mundo, a que o Concílio nos anima?

Antes de buscar a resposta do Concílio para este aspecto mais negativo vamos reflectir sobre a mensagem que os Padres Conciliares, no encerramento do Vaticano II, dirigiram aos pobres, aos enfermos e a todos aqueles que sofrem. Encontraremos aqui os elementos dispersos por outras partes.

Não interessa fazer um apanhado de textos. Trato de fazer uma síntese das directrizes que o Concílio exprimiu através dos distintos decretos e constituições.

Nesta mensagem reconhece-se a grande incógnita do sofrimento humano. Admitem os Padres esses «olhares investigadores que buscam, em vão, o porquê do sofrimento humano e que perguntam ansiosamente, quando e donde virá a consolação» (n. 2). Reconhece-se o esforço da ciência, dos médicos e enfermeiros para aliviar e diminuir as dores físicas.

Mas chega o momento em que não está no nosso poder o restituir a saúde. Diante desta incapacidade do esforço humano, o Concílio apresenta-nos um remédio: a fé e união com Cristo, Homem de dores, crucificado para nossa salvação (n. 4).

O sofrimento é um mistério. Um mistério que Cristo não quis suprimir nem desvendar (n. 5), mas que tomou sobre os Seus ombros, para que possamos compreender um pouco, o seu valor.

Esse valor que tem no Reino de Deus, um reino que já começou, mas que não se realizou na sua plenitude e é, portanto, um reino de esperança.

III — A NOSSA POSIÇÃO ANTE A DOR E A DOENÇA

1 — Posição de rebeldia. *Rebeldia contra a dor e enfermidade porque como cristãos, temos de lutar contra elas. É a mentalidade de Paulo VI, na «Populorum Progressio» e na «Ecclesian Suam»; de João XXIII, na «Mater et Magistra» e na «Pacem in Terris», cujas ideias estão também expressas na «Gaudium et Spes», Constituição sobre a Igreja no mundo actual. Rebeldia diante de tudo quanto seja enfermidade, injustiça, guerra e dor. Porque, se o cristão se não revoltasse frente ao sofrimento e não tratasse de o combater teria razão a crítica marxista de que a religião, o cristianismo, é o ópio do povo. Quando falarmos aos doentes, aos que sofrem, a qualquer pessoa que suporta as limitações da nossa vida terrestre, a primeira coisa que lhes temos de dizer é que trabalhem para superar essas limitações. Temos que colaborar na elaboração dum Mundo mais perfeito. Sem isso, não podemos fazer nada.*

2 — *Mas vem o momento em que o nosso esforço não progride mais. A nossa luta e esforço esbarram com dificuldades insuperáveis. É o momento da aceitação do mistério da dor. Aceitar as limitações e continuar a trabalhar com a valorização de tudo quanto resta ainda de positivo.*

Quanto desajustes de personalidade, quantos fracassos na vida, por não aceitarmos o que se nos dá e não é possível superar. Há que construir o futuro, contando com o passado e o presente que, ainda que culpavelmente, já é irreformável. Nunca podemos pensar em futuríveis: se tivesse feito isto ... se não tivesse feito aquilo ... se não estivesse doente ...

Mas não podemos esquecer, nesta aceitação, o que indicámos previamente. É uma aceitação, depois da rebeldia e da luta, depois de ter tratado de superar o mal. É a aceitação do inevitável como ponto de partida para o futuro.

3 — *Sentido cristão desta aceitação: o mistério da dor. E digo mistério, porque eu não entendo a dor. E, se alguém diz que a entende, não sabe o que diz. Mistério, como o mesmo Concílio o afirma. Mistério porque, depois de valorizar tudo quanto de positivo e de bom há no Mundo, depois que o Concílio nos anima a trabalhar para um Mundo melhor, mais justo e com menos sofrimentos, custa-nos ver o negativo, a que chamamos sofrimento ou cruz.*

Mas o Reino de Deus, que começou com a vinda de Cristo — João Baptista já anunciava que o Reino dos Céus tinha chegado — não se consumou. Ainda não chegou a sua plenitude e é um reino de esperança.

Isto é o que nos dizem os Padres Conciliares quando nos falam do mistério da Igreja (LG 5). No capítulo VII da Constituição sobre a Igreja e ao tratar da vocação de todos os cristãos à santidade (LG 41), volta a recordar-nos

que construímos o Reino de Deus na construção do Mundo, mas avançamos para uma realidade mais plena. O mesmo Concílio, falando-nos em distintas ocasiões sobre a vida religiosa (LG 42 e Decreto «Perfectae Caritatis»), dá o sentido profundo dos votos religiosos o qual, ao fim e ao cabo, é um sentido de renúncia, sofrimento e de dor. O homem que se consagra a Deus e renuncia às realidades mais autênticas duma vida humana — os valores terrenos, o amor matrimonial e a liberdade da sua pessoa — dá testemunho, ante esse Mundo que aperfeiçoa, de que não chegámos à plenitude total.

O homem que aceita, por amor e obediência, o sofrimento que Deus lhe envia, na medida em que amar, estará a atestar a realidade central do nosso cristianismo de que Cristo ressuscitou e nós vamos ressuscitar com Ele. Porque, se Cristo não ressuscitou, a nossa fé é vã. E, se nós não ressuscitarmos com Cristo, somos os mais desgraçados de todos os homens (I Cor. 15).

Não é o sofrimento o que tem mais valor. Não temos que dizer que, quanto mais sofrermos melhor. O sofrimento tem valor, na medida em que aceitarmos com amor a vontade de Deus, uma vez que é sinal e testemunho de que vamos ressuscitar com Cristo. Não, o sofrimento cristão não é masoquismo, mas testemunho de amor. Isso é o que nele tem valor.

4 — *Colaboramos e construímos um mundo melhor com o nosso sofrimento. Cristo salvou-nos pelo «sim» que deu ao Pai. Assim nós, unidos a Cristo, dizemos sim ao Pai, quando aceitamos a nossa dor.*

Há pouco menos de dois anos, preparava-me eu, com grande ilusão para o sacerdócio. Tinha muitos planos e projectos. Um acidente transformou-os completamente. Há uns dias, nem há uma semana ainda, fui ordenado sacerdote. Serei um sacerdote muito diferente daquele com que sonhava. Hoje, certamente, não lhes estaria falando. Mas, se alguma lição aprendi, como consequência deste presente que o Senhor me enviou — não tenho medo de dizer presente — é que o importante, na vida, não é fazer coisas grandes ou pequenas, mover-se muito ou pouco mas realizar, com plenitude, o que Deus quer, dizer um sim cheio de amor, como o fez a Virgem na Anunciação ou Cristo na Encarnação, na Morte e na Ressurreição.

Isto não nos impede de continuarmos a lutar para vencermos o sofrimento e a dor.

Mas sabemos que, com o nosso sim ao amor do Pai em Cristo, construímos um mundo mais apto para a paz, a justiça e o autêntico amor. A nossa vida não é inútil, porque vamos ressuscitar definitivamente com Cristo. E, não esqueçamos, não podemos separar a morte de Cristo da sua Ressurreição, não podemos separar o nosso sofrimento do amor de Cristo em esperança.

Se vier a Fátima ou mesmo sem vir, não deixe de adquirir uma estampa grande (para encaixilhar) ou pequena (para registo de livros) do Papa Paulo VI, o Humilde Peregrino de Nossa Senhora de Fátima. Procure-as ou encomende-as na Administração de FÁTIMA-50 e noutros locais do Santuário. Descontos substanciais para quantidades.



MONS. JOHN M. MOWATT
DIRECTOR DA «DOMUS PACIS»
NA SEDE
DO EXÉRCITO AZUL

Tomou posse do cargo de Director da Casa «Domus Pacis» que é a sede internacional do Movimento do Exército Azul, Monsenhor John Mowatt, que até há pouco tempo exerceu o cargo de Pároco de Nossa Senhora de Kazan, igreja russa católica, em Boston, Estado de Massachussets, na América do Norte.

A nomeação de Mons. Mowatt havia sido decidida pelo Conselho Internacional do Exército Azul, na sua reunião de Fevereiro do ano corrente. O ilustre sacerdote é igualmente o director do Centro Bizantino que passa a funcionar no Exército Azul de Fátima.

Mons. Mowatt fez os seus estudos no Pontifício Colégio Russo, de Roma e no Instituto Oriental da mesma cidade, onde foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo Alexandre Evreinoff, em 25 de Março de 1957.

Depois de ordenado foi para Boston onde o Cardeal Cushing lhe confiou a assistência aos numerosos russos estabelecidos naquela área, e onde se dedicou à construção de uma igreja onde se encontra num altar em estilo russo uma imagem da Virgem de Fátima benzida pelo senhor Bispo de Leiria quando visitou Boston. Em Julho de 1966 a Sagrada Congregação para as Igrejas Orientais concedeu-lhe a kamilavka (biretta) e várias distinções eclesiásticas. Em Maio de 1968 a mesma Congregação conferiu-lhe a dignidade de Arcipreste.

Ainda estudante publicou o livro «Rússia e Fátima».

«LOOKING EAST»

Iniciou, na Cova da Iria a sua publicação um boletim do Centro Bizantino do Exército Azul. «Looking East», cuja tradução nos parece ser — Frente ao Leste —, é editado inteiramente em inglês e destina-se aos milhares de associados do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima, espalhados pelo Mundo inteiro e sobretudo na América do Norte e empenhados em converter a Rússia segundo o desejo do Coração Imaculado de Maria.

Director do boletim o rev. arcipreste João M. Mowatt, novo director do Centro Bizantino. A novel publicação — n.º 1 — Agosto de 1968 — é composta e impressa, segundo cremos, nas oficinas gráficas da **Postulação dos Videntes**.

Seis páginas de pequeníssimo formato incluem notícias de Fátima e do Mundo, sobretudo Leste, e um consultório para esclarecimento de tudo quanto diz respeito às aparições.

Desejamos longa vida e prosperidades ao «Looking East».





A propósito dos recentes acontecimentos — invasão da Checoslováquia pelas tropas comunistas dos «Cinco de Varsóvia» — publicamos a reportagem fotográfica que ilustrou o relato da entrega de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima em Praga, Outubro de 1967. Nas fotos vê-se a multidão que ocorre à praça onde os peregrinos rezaram o terço, e chegada da imagem ao aeroporto e missa celebrada na famosa igreja do Menino Jesus de Praga



RESÚMENES

HISTORIA DE LA URBANIZACIÓN DE COVA DA IRIA

Entresacamos de este tercer artículo un paso del parecer del Consejo Superior de Obras Públicas a propósito de las dificultades encontradas para hacer una obra digna después del descuido inicial: «ocupadas arbitrariamente los solares por quienes llegaban los primeros, en los alrededores del santuario, se presenta al Consejo un esbozo de urbanización de Fátima — no de Cova da Iria en su aire natural, mas de una villa cercando por tres lados un limitado espacio que se llama santuario, adonde los trabajos sucesivos de la intervención desordenada de los hombres no han conseguido agrandar o, al menos mantener, el sentido místico inicial, ni crear belleza».

Sin embargo el mismo parecer abre anchas perspectivas para una creación digna del acontecimiento, al afirmar que «una vez que ha sido la Naturaleza sustituida por la obra del hombre, que esta sea digna y bella, como homenaje a la Reina de los Cielos». Afirma aun que no se debe de considerar como una fatalidad irremediable la existencia de la actual y pequeña basílica, lo que nos hace pensar que en el futuro vendrá a ser construida una basílica grandiosa.

De este mismo artículo entresacamos la noticia de las dimensiones de la actual plaza: desde la escalinata a la entrada del recinto, 540 m.; de hospital a hospital, 160 m.

NOTICIAS DE FATIMA

El 13 de agosto se ha realizado la tradicional peregrinación de la Diócesis de Leiria, peregrinación de desagravio. En esa ocasión los fieles han ofrecido el trigo para la confección de las hostias y partículas que al lo largo del año serán consagradas en el santuario.

Estuvieron presentes seis obispos: Mons. Conti Servillini, de Brasil; Mons. Coroderoy Arzobispo de Southwark, Inglaterra; Mons. Moisés Alves de Pinho, Arzobispo resignatario de Luanda, Mons Américo Henriques, Obispo auxiliar de Lamego; Mons. João Pereira Venâncio, Obispo de Leiria y su auxiliar Mons. Brandão.

Muchísimos peregrinos de diversos países de Europa principalmente y de todo mundo.

Una peregrinación de griegos, católicos y ortodoxos, en número de unos cincuenta, estuvo en Cova da Iria. La presidian dos sacerdotes jesuitas, padres Buhaijar y Dalesius. Han celebrado en la capillita de las apariciones y han asistido a una misa en rito bizantino, en la sede del Ejército Azul. Han llevado una imagen de la Virgen de Fátima para un monasterio de religiosas adoras de Atenas.

Dos paralíticas se declaran curadas por intercesión de la Virgen. Joaquina dos Reis Paulina y Maria do Carmo André estaban internadas en el hospital de Castelo Branco, paralizadas por trom-

bosis. Pidieron venir a Fátima para pedir a la Virgen sus mejoras. Durante la comunión del día 26 de julio, la primera ha recuperado instantaneamente los movimientos; la segunda los recuperó cerca de una hora más tarde cuando la imagen de la Virgen de Fátima pasaba camino de su capillita. Los médicos del hospital donde estaban internadas han confirmado la enfermedad anterior a la cura instantanea. Se estudia el caso con más detalle.

San Francisco de Sales, Patron de los periodistas católicos tiene desde el día 12 de agosto una estatua en la columnata del santuario, junto a los otros santos insignes devotos de la Virgen Maria. La estatua, de mármol blanco de Estremoz, midiendo 1,20 m ha sido oferta de todos los monasterios (190) del mundo de la Visitação. El trabajo es de la autoría de la escultora portuguesa Maria Amélia Carvalheira da Silva.

LA VIRGEN DE FATIMA FIGURA SEÑERA

Este es el título de la segunda conferencia pronunciada por el padre Andrés Richard durante el seminario sobre el Mensaje de Fátima que, como hemos anunciado en nuestro número pasado tuvo lugar en Fátima y ha sido promovido por el Ejército Azul de Nuestra Señora.

El trabajo del padre Richard nos presenta la Virgen como modelo del hombre e imagen de todas las dimensiones de la vida hacia Dios.

Maria es la gran señal de la historia humana. Es el lazo de unión, por decirlo así, entre la humanidad y la divinidad una vez que Dios se ha incarnado en su bendito seno y haciendose hombre eleva los hombres a las alturas divinas.

El mensaje de la Virgen en Fátima nos recorda estas dimensiones reales y nos señala nuestro destino final que es el Cielo.

RÉSUMÉS

NOTRE-DAME DE FATIMA, FIGURE DE PROUE

Le Révérend Père André Richard a prononcé une série de conférences au cours de la session d'études sur le Message de Fatima; session d'études qui s'est tenue au siège de l'Armée Bleue à la Cova da Iria.

Dans notre dernier numéro, nous avons publié sa première conférence, une introduction générale au thème sur lequel porterait cette série de conférences.

Aujourd'hui nous publions sa seconde conférence sous le titre en épigraphe. Dans cette conférence l'auteur nous montre le fait des apparitions de Notre-Dame, que ce soit à Fátima ou ailleurs, comme une manifestation de Dieu pour appeler l'homme à la réalité de son essence propre, de son destin immortel, de sa véritable dimension chrétienne. Dans ce but, il nous offre une image

parfaite de l'humanité sous les traits particuliers de la Vierge Marie qui, parce qu'Elle était humaine, a permis que Dieu se fasse homme, participant ainsi à l'oeuvre de Dieu qui consiste à élever à la Divinité. Notre-Dame de Fatima, considérée comme «Reine aux mains jointes», est une figure verticale, indiquant cette dimension humaine tournée vers le Ciel, notre véritable destin. Entendant vers nous ses bras, Elle nous indique une autre dimension, celle vécue comme membre de l'Eglise et qui est la dimension horizontale de propagation de la foi afin que tous les hommes se sauvent en croyant et en mettant leur foi en pratique.

RELATIVEMENT A L'HISTOIRE DE L'URBANISATION DE LA COVA DA IRIA

Nous publions le troisième article sur ce sujet. Nous relevons un passage d'un avis du Conseil Supérieur des Oeuvres Publiques à propos des difficultés qu'il y a de faire une oeuvre valable après la négligence initiale: «Une fois les terrains occupés arbitrairement par les premiers arrivants, dans le proche voisinage du Sanctuaire, on présente au Conseil une ébauche d'urbanisation pour Fatima — non pas la Cova da Iria sous son aspect naturel, mais une ville entourant, sur trois côtés, un emplacement limité que l'on appelle Sanctuaire, où des travaux successifs, dus à l'intervention désordonnée des hommes, n'ont réussi ni à accentuer, ou tout au moins maintenir, le sens mystique initial, ni à créer de la beauté».

Toutefois le même avis nous laisse espérer une oeuvre digne de l'évènement en disant «puisque l'ouvrage de l'homme va remplacer la Nature, il devra être digne et beau pour rendre hommage à la Reine des Cieux». Il nous déclare encore qu'on ne doit pas considérer comme une fatalité irrémédiable l'existence de l'étroite basilique actuelle, ce qui laisse prévoir que l'on en viendra également à construire une basilique grandiose d'autant plus que tous les terrains situés derrière la basilique actuelle sont réservés.

De ce même article nous extrayons une note donnant les dimensions de l'esplanade actuelle: depuis de grand escalier jusqu'à l'entrée de l'esplanade, 540 m., d'un hospital à l'autre: 160 m.

NOUVELLES DE FATIMA

Pèlerinage du 13 aout: comme tout pèlerinage de réparation du diocèse de Leiria auquel assistent six évêques: D. Conti Servillini, de Roirama, Brésil; Mgr. Coroderoy, archevêque de Southwark, Angleterre; D. Moisés Alves de Pinho, archevêque resignataire de Luanda, D. Américo Henriques, évêque auxiliaire de Lamego; D. João Pereira Venâncio, évêque de Leiria, qui a présidé les cérémonies du pèlerinage, et son auxiliaire D. Domingos de Pinho Brandão qui a prêché à toutes des pays d'Europe. A l'offertoire les diocésains de Leiria ont, comme chaque année, apporté, à l'autel, le blé qui sert à faire les hosties. Celles-ci seront consacrées durant l'année pour la communion des fidèles et pour la célébration de la messe.

Un pèlerinage de 45 grecs, dont la moitié, de religion orthodoxe, est venu à la Cova da Iria. Il venait d'Athènes et était accompagné par deux Jésuites, les pères Paul Buhajjar et Dalesius qui ont célébré à la petite chapelle des Apparitions. A la chapelle de l'Armée Bleue le père Van Gool a célébré la messe en rite bysantin pour les pèlerins grecs. Ils ont emportés avec eux à Athènes, pour le couvent des Religieuses Adoratrices de cette ville, une statue de Notre-Dame de Fatima.

Deux paralytiques se déclarent guéries par l'intermédiaire de Notre-Dame: Joaquina dos Reis Paulina et Maria do Carmo André. Toutes les deux paralysées par une trombose, étaient internées à l'hôpital de Castelo Branco d'où elles sont venues en ambulance à Fátima pour demander leur guérison. Toutes les deux se sont senties guéries et ont retrouvé la liberté de leurs mouvements le même jour, 26 juillet; la première, au moment de la Communion, et la seconde, quand Notre-Dame est passée sur son bancard.

Saint François de Sales, patron des journalistes et des hommes de lettres catholiques, a une statue près des autres saints dévots de Notre-Dame, sur une arcade du Sanctuaire. La statue a été bénie par l'Evêque de Leiria qui a chargé notre directeur, le chanoine José Galamba de Oliveira, de faire l'éloge du Saint protecteur des journalistes. La statue est en marbre de Estremoz, blanc, elle mesure 1 m 20 et à été offerte par les 190 monastères de la Visitation, congrégation cloîtrée fondée par S. François de Sales, répandus dans le monde entier.

PAUL VI ET FATIMA

Paul VI a voulu montrer, une fois de plus, sa dévotion envers Notre-Dame de Fatima. Il a demandé que, pour se rendre à Bogotá présider le Congrès Eucharistique, l'avion fasse un détour de manière à survoler le Sanctuaire de la Cova da Iria. C'est ce qui est arrivé à l'aube du 22 août. Le Saint-Père, au moment de survoler Fatima, a dirigé un message significatif au Chef de l'Etat portugais et au peuple tout entier, rappelant les moments inoubliables de sa visite à Fatima l'année précédente.

LA BELLE DAME VETUE DE LUMIERE

Une pièce basée sur les Apparitions de Fátima par *Alice Ogando*. Un disque «ALVORADA-International», 33 1/3 r/m. En vente aux magasins du Sanctuaire.

THE LADY CLOTHED IN LIGHT

A play based on the Apparitions in Fátima by *Alice Ogando*. L P «ALVORADA-International». On sale at the shops of the Sanctuary.

SUMMARY

OUR LADY OF FATIMA, FIGURE OF THE PROW

Reverend Fr. André Richard delivered a series of conferences during the Seminar about the Message of Fatima held at the Blue Army centre in the Cova da Iria.

We published his first conference in our last number, a general introduction to the theme which would continue in a series. Today we publish the second conference, under the above title, in which the author shows us the fact of the apparitions of Our Lady, in Fatima in particular and other places in general, as a manifestation of God calling men of today to the reality of their own essence, their immortal destiny, their true christian dimension. He shows us a perfect image of humanity in the singular figure of the Virgin Mary who, being human, brought about or permitted that God should become man, thus participation in the work of God which consists in elevating man to the Divinity. Our Lady of Fatima, considered as «Queen with hands joined», is a vertical figure indicating this human dimension turned towards Heaven, our true destiny. While stretching Her arms towards us, she points out another dimension, that lived ecclesially and which is the longitudinal dimension of the propagation of the faith, so that all men may saved by believing and putting their faith into practice.

HISTORY OF THE URBANIZATION OF THE COVA DA IRIA

We have published the third article about this matter, and we note one passage from the Public Works Supreme Council's thinking about the difficulties of carrying on the work in a worthy manner, after initial lack of care: 'lands occupied arbitrarily by the first to come along, the owners presenting a sketch of the urbanization of Fatima to the Council — not indeed the Cova da Iria in its natural surroundings, but a town surrounding a limited precincts on the three sides, which was called the Sanctuary, where successive works by men done without taste or order could not increase, or even maintain, the original mystical atmosphere, nor create beauty.'

Nevertheless, the same thinking opened large perspectives for an accomplishment worthy of the event when it said that 'once the work of men has replaced that of Nature, let this work of human hands be a fitting tribute of homage to the Queen of Heaven'. It further added the existence of the present inadequate Basilica should not be considered as an irremediable fatality, seeing that the building of a more spacious Basilica has been foreseen in the reservation of all the lands behind the present edifice. From the same article we have taken note of dimensions of the present esplanade: from the steps to the entrance of the precincts, 540 metres — and from one hospital to the other, 160 metres.

NEWS OF FATIMA

At the pilgrimage of August 13th, a customary pilgrimage of reparation from the diocese of Leiria, there were six Bishops present: Dom Conti Servillini from Roirama, Brazil, Msgr. Coroderoy, Archbishop of Southwark, England, Dom Moises Alves de Pinho, retired Archbishop of Luanda, Dom Américo Henriques, Auxiliary Bishop of Lamego, Dom John Pereira Venâncio, Bishop of Leiria, who presided at the pilgrimage, and his Auxiliary Dom Domingos de Pinho Brandão, who preached at all the ceremonies. Many foreign pilgrims assisted, coming mostly from European countries. At the Offertory, faithful from the diocese of Leiria offered wheat, as in former years, from which hosts are made to be consecrated the year in the Sanctuary, for the celebration of Mass and Communion of the faithful.

A pilgrimage of 45 Greeks, half of whom were of the Greek Orthodox Church, were in the Cova da Iria. They came from Athens and were accompanied by two Jesuit priests: Fr. Paul Buhajjar and Fr. Lalesius who celebrated Mass in the little Chapel. Fr. Van Gool celebrated Mass in the Byzantine rite in the Blue Army Chapel for the Greek pilgrims. They took away a Statue of Our Lady of Fatima to Athens, for the Convent of Religious of Adoration in that city.

Two paralytics were cured, it was affirmed, through the intercession of Our Lady. They were Joaquina dos Reis Paulina and Maria do Carmo André, both paralyzed as a result of thrombosis, interned in the Hospital of Castelo Branco, from where they came direct to Fatima in an ambulance to ask their cure. Both felt cured and began to move, the first as Communion was being distributed at Mass in the Basilica, the second when Our Lady passed by on her litter in procession.

St. Francis de Sales, patron of journalists and Catholic men of letters, has a statue together with other saints devoted to Our Lady, in the Sanctuary arcade. It was inaugurated on August 12th, blessed by the Bishop of Leiria who delegated our Director, Canon José Galamba de Oliveira, to make the elogy of the holy protector of journalists.

The statue is of white marble from Estremoz, is 1.20 metres high, and was offered by the 190 Visitation monasteries, a Cloistered Congregation founded by St. Francis de Sales, scattered throughout the entire world.

PAUL VI AND FATIMA

Pope Paul VI has desired once again show his devotion to Our Lady of Fatima. During the journey to Bogotá, to preside at the Eucharistic Congress, His Holiness asked that the route of the plane be altered so that it would fly over the Sanctuary of the Cova da Iria, and thus it happened on the morning of August 22nd. At the moment of his flight over Fatima, the Holy Father expressed a moving message to the Portuguese President and all the Portuguese people, recalling, he said, the unforgettable moments of his visit to Fatima a year ago.

PARA A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO DA COVA DA IRIA

Francisco Pereira de Oliveira

III

O Parecer n.º 2708 do Conselho Superior de Obras Públicas sobre o «esboceto» do Antepiano de Urbanização

Elaborado pelo arquitecto Luís Xavier, o «esboceto» do antepiano de urbanização foi apreciado no Conselho Superior de Obras Públicas pela 1.ª sub-comissão da sua 3.ª secção, no dia 22 de Março de 1957.

Foi relator do parecer o prof. Eng. Antão de Almeida Garrett, da Faculdade de Engenharia do Porto.

O processo entrou na secretaria em 31 de Agosto de 1956 e tomou o número 2708.

Do processo apresentado ao Conselho constam todos os projectos, estudos, inquéritos, etc. realizados até essa altura com vista à elaboração de um Plano de Urbanização.

Mas a morosidade destes estudos havia produzido efeitos perniciosos e criado dificuldades que eram bem visíveis. Por isso, no considerando que sobre o esboceto teve que fazer, o Conselho declara: «Certamente, porque os trabalhos de urbanização não se fizeram com a rapidez que seria conveniente, a ocupação do território — que não fora adquirido pela Reitoria nem legalmente vinculado — continuou a fazer-se por casas particulares, por pensões e lojas, e por casas e congregações religiosas atraídas pelo ambiente místico de Fátima.

Embora muito dificultada, essa ocupação não deixou de se fazer e, como consequência inevitável, os problemas tornaram-se mais complexos, os arredores próximos do Santuário foram sendo ocupados por mais edificações e, hoje, apresenta-se ao Conselho um «esboceto» de Urbanização de Fátima — não já da Cova da Iria no seu *ar natural*, mas de uma vila cercando por três lados um **limitado recinto** que se diz do **Santuário**, onde os trabalhos sucessivos da intervenção desordenada dos homens não conseguiram ampliar ou, pelo menos manter, o sentido místico inicial, nem criar beleza.»

Apreciou o Conselho o «esboceto» e, em todos os aspectos que o urbanista considerou, tanto na parte arquitectónica do Santuário, como propriamente na urbanização da povoação, já com os dois aglomerados da Lomba d'Égua e Moita ligados à Cova da Iria.

Na parte que diz respeito ao Santuário apreciou as sugestões do Ministro das Obras Públicas no que dizia respeito à remodelação das fachadas dos hospitais, valorização do arranjo em torno da estátua do Sagrado Coração de Jesus, mudança das grandes estátuas laterais da Basílica.

A remodelação da fachada do hospital do lado norte (designado depois por hospital «Senhora das Dores»), foi efectuada pela Fábrica do Santuário,

segundo projecto do falecido arquitecto António Lino, tendo a obra sido executada nas condições fixadas pelo decreto-lei n.º 37 000.

Ainda no que se refere ao recinto e às obras do Santuário, nomeadamente a Basílica, o Conselho é de parecer que «uma vez que se destruiu o *ar natural*, rude e simples da primitiva Cova da Iria — ambiente escolhido por Nossa Senhora — e se substituiu a Natureza por uma obra dos homens, que esta seja digna e bela, como preito de homenagem à Rainha dos Céus, à Padroeira de sempre do nosso Portugal.»

«As grandes basílicas românicas, as catedrais góticas e os grandes templos da Renascença que se ergueram para marcar através dos tempos um acontecimento relevante da vida dos povos encontraram sempre artistas e meios à altura das circunstâncias. Porque se terá de considerar como fatalidade irremediável uma basílica sem grandeza nem beleza na consagração de um acontecimento cuja transcendente importância não podemos ainda aperceber?»

Por tudo isto, julga o Conselho prudente que se defenda o recinto de forma a poder ser largamente ampliado, principalmente no seu sentido longitudinal, ainda livre, proibindo novas construções que viariam aumentar o obstáculo a qualquer futura transformação. Para completo desafogo e maiores possibilidades futuras entende, até, que se não deveriam consentir ou planear, mesmo no interesse público imediato, novas construções nos 370 m. de faixa de rua a rua, em toda a extensão do Santuário. As poucas casas existentes poderiam ficar na cortina verde que se criasse a formar o caixilho do conjunto religioso e a defendê-lo da vila que já o cerca; seria concretizar a ideia do arquitecto Cotinelli Telmo no seu plano de 1944. E mais adiante: «A pista circundante da esplanada, tem-se mostrado suficiente. Com 24 m de largura admite filas de 40 peregrinos. A esplanada com 10 m por 250 m pode consentir 50 a 60 000 pessoas — número muito inferior ao das grandes peregrinações — pelo que haverá que pensar em outros locais de concentração que conviria fossem próximos. Mais uma razão para se não ocuparem com edifícios os terrenos laterais (a).

Compreende-se que não possam instalar-se 500 000 peregrinos em 64 000 m² de área total do recinto, em condições de tomar parte nas cerimónias. E por isso se julga da maior conveniência o aproveitamento das margens laterais desse recinto, para ocupação dos peregrinos.

O Conselho Superior de Obras Públicas apreciou ainda o «esboceto», da autoria do arquitecto Luís Xavier nos aspectos de:

instalações de peregrinos, acessos de carros e seu estacionamento, acessos dos peregrinos, por combóio, camioneta e a pé,

agrupamentos habitacionais, hotéis, pensões e lojas, zona rural de protecção, arruamentos, etc., deste conjunto a que chamou «Santuário-Vila», considerando ainda que no «esboceto» não foi previsto o local para o cemitério (b).



O antigo Ministro das Obras Públicas, eng. Arantes de Oliveira, visita Fátima em 26/6/1965

Antes de ser examinado pelo Conselho Superior de Obras Públicas, o «esboçeto» do plano de Urbanização obteve os pareceres da Reitoria do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, da Câmara e do Conselho Municipal de Vila Nova de Ourém, e os pareceres da Junta Autónoma de Estradas e da Comissão de Revisão da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização.

Em conclusão o Conselho Superior de Obras Públicas, é de parecer que o antepiano de urbanização de Fátima — «esboçeto» — poderá servir de base à elaboração do plano definitivo, desde que se atendam às observações que o mesmo Conselho lhe faz pelo seu parecer n.º 2708.»

A sessão estiveram presentes, além do presidente do relator, 15 vogais.

Despacho Ministerial relativo ao parecer n.º 2708.

Apresentado ao Ministro das Obras Públicas, eng. Eduardo de Arantes e Oliveira, o parecer do Conselho Superior de Obras Públicas, após-lhe o seguinte despacho: «Homologo este interessante e esclarecido parecer. A D. G. S. U. determinará imediato estudo do antepiano com base no esboçeto que fica aprovado, dando atenção às de outras observações do Conselho. Desejaria que este trabalho estivesse concluído no prazo de 120 dias, devendo ser simultaneamente apresentado o plano de realização gradual dos elementos urbanísticos essenciais, nos termos do meu anterior despacho.

Deverá pedir-se à Comissão nomeada para o estudo das ligações com o Santuário de Fátima para abreviar o mais possível a conclusão do seu trabalho, que em certos aspectos pode implicar disposições urbanísticas especiais.

Não fico tranquilo quanto ao problema do acampamento dos peregrinos: a capacidade máxima das áreas previstas está longe de bastar para grandes peregrinações que o plano de urbanização não pode ignorar. Continua válida a recomendação que se examine o que se faz em grandes santuários de outros países e, entre nós, nas grandes romarias do Norte do País algumas das quais me dizem estar satisfatoriamente consideradas nos aspectos do acolhimento dos romeiros. Não julgo necessário vincar mais a importância deste problema. A D. G. S. U. esclarecerá junto da Reitoria do Santuário a questão revelada pelo Presidente da C. M. de Vila Nova de Ourém, quanto à dificuldade de utilização pública normal de certos arruamentos. Ao mesmo tempo

procurará definir com o Santuário a melhor forma de ser dada realização urgente aos abrigos e aos acampamentos para peregrinos cuja posição está definida. Seria conveniente antecipar-se sobre a elaboração do antepiano a execução destas instalações por forma a poderem entrar em serviço o mais cedo possível.

28 de Março de 1957

a) Arantes e Oliveira.»

Foi este o despacho decisivo para a elaboração do Plano de Urbanização de Fátima.

Para se inteirarem dos diversos aspectos dos problemas vieram à Cova da Iria vários ministros das Obras Públicas acompanhados dos técnicos e responsáveis dos diversos Sectores encarregados da Urbanização. Assim, em 3 de Março de 1946 estiveram aqui os srs. ministro das Obras Públicas, eng. Cancela de Abreu, e subsecretário da mesma pasta Eng. José Frederico Ulrich. Acompanharam-nos o Director Geral dos Serviços de Urbanização, eng. Manuel de Sá e Melo e Arquitecto Cotinelli Telmo, autor do primeiro antepiano.

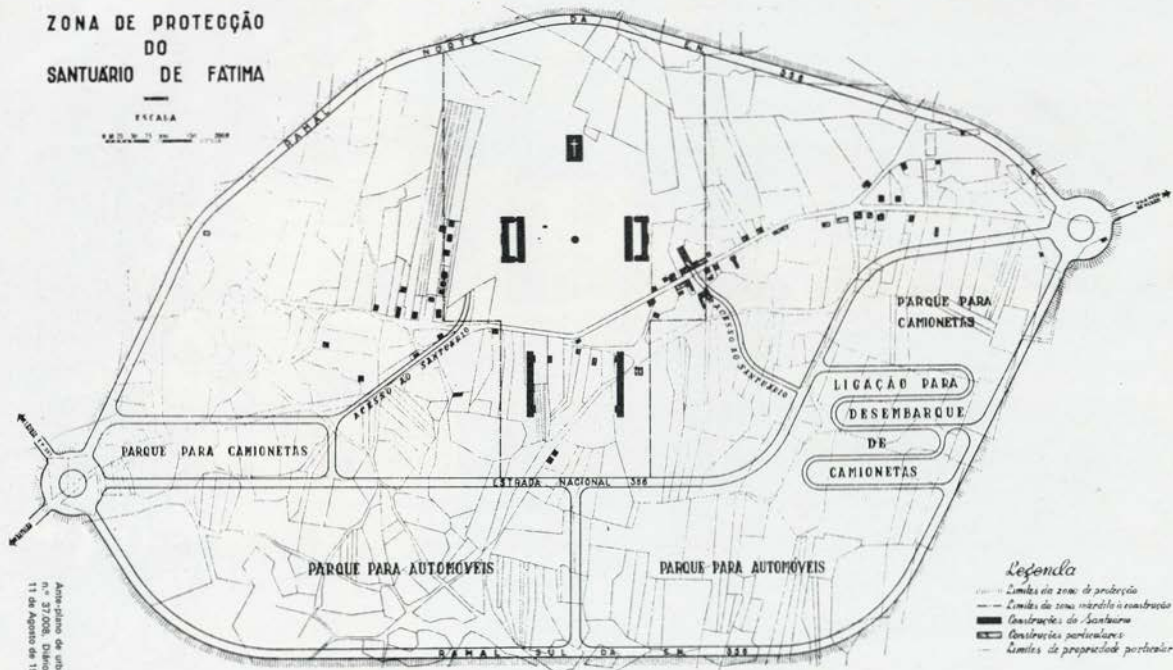
Em 26 de Junho de 1955 veio à Cova da Iria o então ministro das Obras Públicas, eng. Eduardo Arantes e Oliveira acompanhado do director geral dos Serviços de Urbanização e do director de Urbanização do distrito de Leiria a quem, durante muitos anos foram confiados as responsabilidades técnicas da execução de vários trabalhos urbanísticos.

Estas visitas ministeriais foram de extraordinária importância para as resoluções que se impunham para que Fátima saísse da povoação desordenada que a falta do plano criou, e ganhasse condições para a recepção dos peregrinos que em número cada vez maior aqui vinham, à medida que se iam sucedendo os anos, e para a vida dos que, ou por devoção, ou porque iam criando o seu modo de viver, aqui se vinham fixando.

- a) As dimensões da actual esplanada, desde a escadaria da Basílica à entrada do recinto e do hospital a hospital são de 540 metros de comprimento por 160 de largura.
- b) Depois de aprovado o antepiano de Urbanização, a Junta de Freguesia de Fátima solicitou e obteve a aprovação do local para a construção de um cemitério na Cova da Iria. A sua falta faz-se notar grandemente, dado que com o aumento de população, o cemitério da sede de freguesia tornou-se muito pequeno.

ZONA DE PROTECÇÃO
DO
SANTUÁRIO DE FATIMA

ESCALA
1:50.000



Legenda

- Limites da zona de protecção
- - - Limites da zona onde é a construção
- Construções do Santuário
- Construções particulares
- Limites de propriedade particular

